



ACADEMIA MILITAR

**O impacto da urbanização na violência
Contraste urbano e rural**

Autor: Asp Inf João Miguel Fernandes Vieira

Orientador: Maj Inf João Almeida Duque Martinho

**Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de
Segurança**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, setembro de 2016**



ACADEMIA MILITAR

**O impacto da urbanização na violência
Contraste urbano e rural**

Autor: Asp Inf João Miguel Fernandes Vieira

Orientador: Maj Inf João Almeida Duque Martinho

**Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de
Segurança**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, setembro de 2016**

“A violência é o último refúgio do incompetente.”

Isaac Asimov

DEDICATÓRIA

À minha família, namorada e amigos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Major de Infantaria da GNR Duque Martinho, meu orientador, que disponibilizou parte do seu tempo e aplicou o seu esforço para me ajudar a escolher as melhores soluções, assim como pela disponibilização de alguns dados que me ajudaram a desenvolver o trabalho. Agradeço também:

Ao Tenente-Coronel de Artilharia do Exército Pinto da Silva pelas aulas e disponibilidade em esclarecer o curso, nas dúvidas existentes em relação à metodologia, assim como na elaboração inicial do projeto de trabalho.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria da GNR Gonçalo Carvalho e a toda a direção de curso por acompanharem a realização do projeto, mostrando preocupação desde o início.

A todas as entidades entrevistadas, por darem o seu conhecimento e contribuírem para a conclusão do trabalho.

Por fim, a todos os meus camaradas que me acompanharam nestes anos de curso, na partilha de conhecimentos, no convívio e na sã camaradagem.

RESUMO

A urbanização mais recente em Portugal caracterizou-se por uma bipolarização concentrada em Lisboa e no Porto acompanhada também pelo crescimento de população ao longo do litoral norte e por fim pelo crescimento de algumas cidades mais pequenas. A construção de habitações sociais para albergar famílias mais carenciadas e com dificuldades económicas veio acompanhada também, ao longo do tempo, por um crescimento da violência urbana. Contudo, pode-se constatar que a criminalidade violenta e grave tem diminuído, pelo menos desde 2010.

Este estudo tem o objetivo de descrever as diferenças existentes na criminalidade entre uma área predominantemente urbana e outra área predominantemente rural entre 2010 e 2015 com a finalidade de perceber o que existe nas áreas urbanas que não existe nas áreas rurais, para poder estabelecer uma relação com a criminalidade violenta e grave em ambientes urbanos. Para tal, foi calculada a taxa de criminalidade violenta e grave da área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche e do Posto Territorial de Merceana, para perceber a incidência criminal deste fenómeno no período de estudo. Foram também conduzidos inquéritos por entrevista a comandantes e militares responsáveis pela investigação criminal em ambos os locais que exerceram funções entre 2010 e 2015.

Chegou-se à conclusão que a criminalidade violenta e grave é bastante mais significativa nas áreas urbanas e a principal causa e fonte da maior parte desta criminalidade poderão ser os bairros de habitação social, no caso de Alcabideche, que albergam algumas pessoas de famílias desestruturadas, onde se concentram muitos indivíduos num mesmo local que poderão praticar crimes, nomeadamente, a crimes violentos e graves.

Palavras-chave: Urbanização; Criminalidade; Violenta; Grave.

ABSTRACT

The most recent urbanization in Portugal was characterized by a bipolarization concentrated in Lisbon and Oporto also accompanied by population growth along the northern coast and finally the growth of some smaller cities. The construction of social housing to accommodate the neediest and economic difficulty families was accompanied also, over time, by a growing urban violence. However, it can be seen that violent and serious crime has decreased, at least since 2010.

This study aims to describe the differences in crime between a predominantly urban area and a predominantly rural area between 2010 and 2015 for the purposes of realize what lies in urban areas that do not exist in rural areas, in order to establish a relationship with violent and serious crime in urban environments. To this end, the violent and serious crime rate of the *Subdestacamento Territorial de Alcabideche* and *Posto Territorial de Merceana* was calculated to realize the criminal incidence of this phenomenon in the study period. Interviews were also conducted to commanders and military personnel responsible for criminal investigations in both the places that held office between 2010 and 2015.

We came to the conclusion that violent and serious crime is much more significant in urban areas. The main cause and the source of most of this crime in *Alcabideche* could be the social housing neighbourhoods that are home to people from broken families, which concentrates many people in one place which are related to violent and serious crime and other criminal phenomena.

Keywords: Urbanization; Crime; Violent; Serious.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
ÍNDICE GERAL.....	viii
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES	xiv
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - URBANIZAÇÃO E VIOLÊNCIA	3
1.1. Urbanização	3
1.1.1. O fenómeno da rurbanização.....	5
1.3. Violência	6
1.4. Violência urbana	6
1.5. O sentimento de insegurança	8
1.5.1. A teoria das “Janelas Partidas”	9
1.6. Criminalidade.....	10
1.6.1. Evolução da criminalidade entre 2010 e 2015	11
1.6.2. Criminalidade no espaço rural ou urbano.....	13
1.7. O patrulhamento da GNR	13
CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO.....	15
2.1. Dados demográficos.....	15
2.2. Tipologia de áreas urbanas.....	16
2.3. Acessos rodoviários e ferroviários	17
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	19

3.1. Abordagem.....	19
3.2. Modelo de análise	20
3.3. Procedimento e técnicas de recolha de dados	21
3.4. Amostra.....	22
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS	
RESULTADOS	24
4.1. Diferença na taxa de criminalidade violenta e grave	24
4.1.1. Taxa de criminalidade violenta e grave geral.....	24
4.1.2. Taxa de criminalidade violenta e grave por crimes.....	27
4.2. Análise das entrevistas do grupo A.....	31
4.2.1. Análise da questão A1	31
4.2.2. Análise da questão A2.....	32
4.2.3. Análise da questão A3.....	33
4.2.4. Análise da questão A4.....	33
4.2.5. Análise da questão A5.....	34
4.2.6. Análise da questão A6.....	35
4.2.7. Análise da questão A7.....	35
4.2.8. Análise da questão A8.....	36
4.2.9. Análise da questão A9.....	37
4.2.10. Análise da questão A10.....	38
4.2.11. Análise da questão A11.....	38
4.2.12. Análise da questão A12.....	39
4.3. Análise das entrevistas do grupo B	40
4.3.1. Análise da questão B1	40
4.3.2. Análise da questão B2	41
4.3.3. Análise da questão B3	42
4.3.4. Análise da questão B4	42
4.3.5. Análise da questão B5	43
4.3.6. Análise da questão B6	43
4.3.7. Análise da questão B7	44
4.3.8. Análise da questão B8	44
4.3.9. Análise da questão B9	45

CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICES	I
Apêndice A – Perguntas-guia do grupo A	II
Apêndice B – Perguntas-guia do grupo B.....	IV
Apêndice C – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta	V
Apêndice D – Ideias-chave e segmentos identificados nas respostas	VIII
ANEXOS	XV
Anexo A – Criminalidade violenta e grave em 2015.....	XVI
Anexo B – Tipologia de Áreas Urbanas	XVII
Anexo C – Número de crimes violentos e graves em Alcabideche e Merceana entre 2010 e 2015	XIX

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 – Taxa de criminalidade em Merceana e Alcabideche entre os anos de 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes).....	25
Figura n.º 2 – Taxa de criminalidade violenta e grave (por 10.000 habitantes).....	26
Figura n.º 3 – Taxa de criminalidade dos crimes de roubo entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)	28
Figura n.º 4 – Taxa de criminalidade para os crimes de roubo englobados entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)	28
Figura n.º 5 – Taxa de criminalidade para os outros crimes violentos e graves entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)	29
Figura n.º 6 – Valores registados para os crimes violentos e graves de 2015.....	XVI

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Crimes registados por ano.....	11
Quadro n.º 2 – Crimes violentos e graves registados por ano.....	12
Quadro n.º 3 – N.º de população, densidade populacional	16
Quadro n.º 4 – Tipologia de área urbana das freguesias do estudo.....	17
Quadro n.º 5 – Caracterização dos entrevistados	22
Quadro n.º 6 - Taxa de criminalidade violenta e grave em Portugal entre 2010 e 2015.....	26
Quadro n.º 7 – Diferença percentual entre a Taxa de Merceana e a Taxa de Alcabideche.....	30
Quadro n.º 8 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A1	32
Quadro n.º 9 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A2.....	33
Quadro n.º 10 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A3.....	33
Quadro n.º 11 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A4.....	34
Quadro n.º 12 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A5.....	34
Quadro n.º 13 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A6.....	35
Quadro n.º 14 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A7.....	36
Quadro n.º 15 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A8.....	37
Quadro n.º 16 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A9.....	37

Quadro n.º 17 - – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A10.....	38
Quadro n.º 18 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A11.....	39
Quadro n.º 19 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A12.....	40
Quadro n.º 20 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B1.....	41
Quadro n.º 21 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B2.....	41
Quadro n.º 22 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B3.....	42
Quadro n.º 23 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B4.....	43
Quadro n.º 24 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B5.....	43
Quadro n.º 25 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B6.....	44
Quadro n.º 26 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B7.....	44
Quadro n.º 27 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B8.....	45
Quadro n.º 28 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B8.....	46
Quadro n.º 29 – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta para o grupo A.....	V
Quadro n.º 30 – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta para o grupo B.....	VII
Quadro n.º 31 – Ideias-chave e segmentos identificados nas respostas.....	VIII
Quadro n.º 32 - Número de crimes violentos e graves em Alcabideche e Merceana entre 2010 e 2015.....	XIX

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

Apêndice A	Perguntas-guia do grupo A
Apêndice B	Perguntas-guia do grupo B
Apêndice C	Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta
Apêndice D	Ideias-chave e segmentos identificados nas respostas
Anexo A	Criminalidade violenta e grave em 2015
Anexo B	Tipologia de Áreas Urbanas
Anexo C	Número de crimes violentos e graves em Alcabideche e Merceana entre 2010 e 2015

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AMU	Área Mediamente Urbana
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
APR	Área Predominantemente Rural
APU	Área Predominantemente Urbana
AR	Assembleia da República
Art.º	Artigo
CPP	Código de Processo Penal
DGPJ	Direção-Geral da Política de Justiça
DTer	Destacamento Territorial
E	Entrevistado
GNR	Guarda Nacional Republicana
INE	Instituto Nacional de Estatística
MAI	Ministério da Administração Interna
MJ	Ministério da Justiça
N.º	Número
PTer	Posto Territorial
Q.	Questão
RASI	Relatório Anual de Segurança Interna
SDTer	Subdestacamento Territorial
S. Id.	Segmento identificado
SSI	Sistema de Segurança Interna
ZA	Zona de Ação
ZUS	Zona Urbana Sensível

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado Integrado de Ciências Militares na especialidade de Segurança surge o Trabalho de Investigação Aplicada como forma de concluir este ciclo de estudos. É neste sentido que foi elaborado este relatório, designado por Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada e subordinado ao tema do fenómeno da urbanização e o seu impacto na violência urbana e adotando o título de: “O impacto da urbanização na violência. Contraste urbano e rural”.

A violência tem vindo a diversificar-se e a colocar-se como um grande condicionador na atuação das forças de segurança. A escolha deste tema prendeu-se com o facto de a Guarda Nacional Republicana (GNR) ter como missão primária o policiamento das suas zonas de ação, encontrando diferentes áreas de urbanização onde se pode deparar com criminalidade violenta e grave nas suas diversas tipologias que, como iremos ver mais à frente, passa pela coação a funcionário, roubo e até homicídio voluntário consumado.

De forma a responder a este assunto resolveu-se estudar duas áreas distintas, uma com características predominantemente urbanas e outra com características predominantemente rurais. Foi então escolhida a área do Subdestacamento Territorial (SDTer) de Alcabideche, localizado numa área urbana e a área do Posto Territorial (PTer) de Merceana, localizado numa área mais rural, e ambos do Comando Territorial de Lisboa.

A finalidade é perceber se há mais criminalidade violenta e grave numa área urbana e porquê, daí ter-se também uma amostra oposta, que serve como amostra de controlo, que é o PTer de Merceana, que permite compreender que fatores é que existem numa área urbana que não existem numa área rural, de modo a estabelecer uma relação. Uma das razões que fez o autor escolher O PTer de Merceana foi também o facto de que na sua Zona de Ação não ter nenhum centro urbano como cidades, mas também vilas. O que não acontece, por exemplo, no PTer do Cadaval, que também é predominantemente rural, mas tem na sua área a vila e sede de concelho do Cadaval.

Foi também necessário escolher um período temporal para poder analisar os dados e então escolheu-se os últimos seis anos completos, portanto entre 2010 e 2015, por serem anos em que a tipologia de crimes violentos e graves permaneceu inalterada nos mapas

estatísticos de criminalidade organizada, melhorando a análise. Também o facto de serem cinco anos é um espaço temporal que permite recolher alguns dados e ao mesmo tempo não é muito extenso.

O objetivo geral deste trabalho é descrever a diferença na criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana que se caracteriza por ser predominantemente rural e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche que é predominantemente urbana. Os objetivos específicos passam por descrever a diferença do perfil dos autores e das vítimas, no modo de atuação dos autores e na taxa de criminalidade violenta e grave praticada entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche e descrever a diferença de patrulhamento efetuado pela GNR nestas duas subunidades.

Para a recolha de dados foram utilizados sobretudo a análise de documentos sobre os registos criminais e demográficos das duas zonas, e inquéritos por entrevista a entidades policiais que atuam nas duas áreas para caracterizar e perceber as diferenças que existem nestes dois locais.

Através da questão central “o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 30) daí ter-se formulado a seguinte questão central para este trabalho: **“Qual a diferença na criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”**.

A parte principal do relatório, compreendida entre a presente introdução e a conclusão, encontra-se subdividida em quatro capítulos, em que no primeiro se faz uma compilação bibliográfica dos conceitos de urbanização e violência, no segundo faz-se a caracterização demográfica das áreas de estudo, no terceiro apresenta-se a metodologia apresentada e no quarto apresentam-se, analisam-se e discutem-se os resultados obtidos do trabalho de campo. Seguidamente encontram-se as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 - URBANIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

1.1. Urbanização

De modo a compreendermos melhor a temática em questão é necessário definir e diferenciar alguns conceitos. Começamos então por definir o que é urbanização e qual a diferença para urbanismo. A urbanização pode ser definida como “o sentido de tendência da migração das zonas rurais para a cidade” (Mannheim, 1985, p. 828)” enquanto o urbanismo é “o modo específico de vida que resulta desta tendência” (Mannheim, 1985, p. 828).

Como surge e o que provoca então a urbanização? O excedente de produtos agrícolas possibilita que estes sejam utilizados no comércio e isto, aliado ao desenvolvimento de sistemas de transporte, permite o aparecimento de centros urbanos. O deslocamento de população das zonas rurais para as zonas urbanas gera uma maior produtividade e um desenvolvimento do rendimento *per capita* (Feres, 2006).

Apesar do aparecimento de várias cidades em Portugal ser bastante antigo, a urbanização em Portugal é relativamente recente, começando a evoluir desde a 2ª Guerra Mundial e com a terciarização da economia (Costa, 1993). Foi nestas últimas décadas que se deu:

“a expansão das cidades e o desenvolvimento de subúrbios, o crescimento populacional e o êxodo rural, e a enorme expansão do modo de vida urbano para além das cidades, tornando cada vez mais difícil a distinção entre as diversas formas de espaço urbano, e entre estas e o espaço rural.” (Costa, 1993, p. 5 e 6).

O desenvolvimento da indústria assim como a industrialização da agricultura e a grande terciarização da população ativa portuguesa tem levado a uma grande evolução da vida em sociedade em Portugal, embora ainda afastada da média europeia (Alves, 2008). Contudo, foi no início do século XX que as primeiras habitações sociais começaram a ser construídas, devido à necessidade que havia de habitar pessoas com poucas possibilidades económicas principalmente nas cidades do Porto e Lisboa (Teixeira, 1992). Também a grande quantidade de pessoas, cerca de 500 mil, os denominados “retornados”, que vieram

num curto espaço de tempo para Portugal, oriundos das antigas colónias portuguesas, mas que muitos deles nunca sequer tinha estado em Portugal, contribuiu para a urbanização. (Matos, 2014)

A urbanização é um fenómeno que acontece em quase todos os países, tendo cada continente um ritmo diferente, e que tem contribuído para uma grande alteração do território (Esteves, 1999). Segundo o Relatório Mundial de Urbanização de 2014 da Organização das Nações Unidas (Organização das Nações Unidas [ONU], 2014), nesse momento, 54% das pessoas em todo o mundo viviam nas cidades, enquanto em 1950 viviam 30%, em 2050 a percentagem está projetada para ser 66%. As regiões mais urbanizadas são, por ordem decrescente, a América do Norte, América Latina e Caraíbas e Europa. Em contraste, a África e a Ásia ainda continuam com a maior parte da população rural, contudo são as regiões que crescem a um maior ritmo e tendem a chegar à média mundial em 2050.

Costa (1993) apresenta três modos de urbanização diferentes em Portugal: primeiramente e principalmente nas regiões urbanas de Lisboa e Porto; urbanização mais desconcentrada e um aumento da densidade populacional dispersa, particularmente no Litoral Norte; por último um aumento da população das cidades mais pequenas. A urbanização caracteriza-se então por uma bipolarização em Lisboa e no Porto e também por uma litoralização.

No caso mundial, desde 1950, o crescimento da população rural tem sido muito baixo e estima-se que o seu pico seja atingido brevemente, em 2050 projeta-se uma diminuição de 200 milhões em relação ao número atual. Em contraste, a população mundial que vive nas cidades aumentou exponencialmente desde 1950 e espera-se que continue a aumentar até 2050, sendo que o crescimento vai ser 90% concentrado na África e na Ásia. Neste momento, uma em cada 8 pessoas vive nas 28 mega-cidades¹ e metade da população urbana reside em cidades com menos de 500 000 habitantes. Em 2050 espera-se que hajam 41 mega-cidades, prevê-se que Tóquio continue a ser a maior cidade do mundo (ONU, 2014).

Um fenómeno referido por Costa, que acontece em Portugal é chamado de urbanização *in situ* que:

“consiste na forma específica de alastramento da urbanização (acompanhada, por vezes de industrialização) aos campos, provocando a alteração da actividade

¹ Cidades com mais de 10 milhões de habitantes

económica (total ou parcial) e de modos de vida das populações que, no entanto, mantêm a sua localização espacial.” (Costa, 1993)

Embora há algumas décadas os maiores aglomerados populacionais, mundialmente se encontrassem nas regiões mais ricas, agora encontram-se no hemisfério sul. As cidades que apresentam uma maior taxa de crescimento são aquelas de tamanho médio e também aquelas com menos de 1 milhão de habitantes na Ásia e na África. Mas não foi em todas as cidades que a população aumentou, a maior parte delas encontram-se nos países europeus e asiáticos com menor taxa de fertilidade em que a população total do país estagnou ou diminuiu. A contração económica e os desastres naturais também contribuíram para a diminuição da população em algumas cidades (ONU, 2014). O crescimento das cidades, e consequentemente da área urbana, prende-se com o crescimento natural dentro da própria cidade mas principalmente com o êxodo das zonas mais rurais ou até de países estrangeiros, sendo que a primeira por vezes até é negativa, contudo contraria-se com o crescimento das suas áreas metropolitanas (Esteves, 1999).

1.1.1. O fenómeno da rurbanização

Alguns sociólogos têm vindo ultimamente a introduzir um novo conceito a par da urbanização, ao qual o chamam de “rurbanização”. Armando Carlos Alves descreve este fenómeno como: “a mudança no espaço social anteriormente rural, ocasionada principalmente pela adoção rápida e extensa dos modelos do espaço social urbano” (Alves, 2008, p. 309). Esta rápida mudança e modernização dos espaços rurais tem vindo a diminuir esta diferença que havia entre o que se entendia por espaço urbano e espaço rural, aproximando estes dois conceitos (Froehlich, 2000).

Um dos principais impulsionadores deste conceito na língua portuguesa afirma que é a “terceira situação desenvolvida pela conjugação de valores das duas situações originais e às vezes contrárias ou desarmónicas, quando puras” (Freyre, 1982, pp. 82 - 83). Mas é na língua inglesa que primeiramente surgiu este conceito, definido por Galpin como *rurban*² (Mateus, 2009).

² Literalmente traduz-se para rurbano.

1.3. Violência

Do latim *violentiā*, violência é a “qualidade ou estado do que é violento; ato de violentar; força empregue contra o direito natural de outrem; ação em que se faz uso de força bruta; crueldade; força; intensidade; veemência; ímpeto; prepotência; tirania; coação” (Porto Editora, 2003-2016).

A *American Psychological Association* (2016) constata que a violência é o ato de magoar fisicamente ou psicologicamente, de forma propositada, uma pessoa. É uma forma extrema de agressão e dá como exemplos os assaltos, violações e homicídios. As causas da violência podem ser variadas e incluem a frustração, exposição a episódios de violência através dos media, violência em casa ou na zona habitacional ou até uma tendência para ver as ações das outras pessoas como hostis mesmo que não sejam. Existem também algumas situações que aumentam o risco de violência como o alcoolismo, insultos e outras provocações ambientais como por exemplo grandes aglomerados de pessoas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2016) a violência é o uso intencional de força ou poder, atual ou sobre a forma de ameaça, contra o próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, afectação psicológica, desenvolvimento precário ou privação.

Diferenciando, para a APAV³ (2015), violência física é: “qualquer comportamento que implique agressão física, por exemplo, crimes de ofensa à integridade física, maus tratos físicos, sequestro, intervenções e tratamentos médicos arbitrários” e violência psicológica consiste em provocar dor, angústia através de ameaças, humilhações ou intimidação verbal ou não verbal, dando como exemplos os “insultos, ameaças, humilhação, intimidação, isolamento social, proibição de atividades” (APAV, 2015)

1.4. Violência urbana

Antes de se explicar o conceito de violência urbana, importa saber o significado da palavra urbano. Urbano, do latim *urbānu*, é o “que diz respeito à cidade; próprio de cidade; diz-se do prédio para habitação (por oposição a prédio rústico)” (Porto Editora, 2003 - 2016).

³ Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, a sua visão é: “A APAV acredita e trabalha para que em Portugal o estatuto da vítima de crime seja plenamente reconhecido, valorizado e efectivo” (APAV, 2015)

Caroline Moser⁴ indica quatro tipos de violência urbana: política, institucional, económica e social. Cada tipo é diferenciado na motivação para o ato físico que é usado conscientemente ou inconscientemente para ganhar ou manter poder. (Moser, 2004).

É na violência económica que encontramos o crime organizado, roubos e todo o tipo de criminalidade que implica ganhos ilegítimos de dinheiro. Também dentro da violência económica e ao mesmo tempo social há os casos de gangs e violência étnica. Também relevante para este trabalho é a violência social, esta inclui violência doméstica, violência sexual, abuso de menores e violência diária/de rotina. Moser afirma também que o tipo de violência urbana varia de local para local, ainda mais se a diferença for a nível internacional, assim como varia o perfil dos autores da violência. Também no passado a violência concentrava-se mais no meio rural enquanto agora tende a ser maior nas cidades de grande dimensão (Moser, 2004).

Outro fator que é indicado por Moser é que a quantidade de violência tende a ser maior nas cidades com crescimento maior do que propriamente nas cidades de grande tamanho (Moser, 2004). Esteves relaciona esta nova violência nas cidades com o facto da chegada de tão grande número de pessoas às cidades e a ausência de estruturas físicas, sociais e económicas para as receber levá-las a instalarem-se em zonas degradadas e até provocarem o fenómeno dos bairros de lata. Toda uma série de fatores como os baixos salários, o emprego precário e o elevado desemprego contribui para uma marginalização social. Esta marginalização conduz a comportamentos desviantes, muitos dos quais violentos (Esteves, 1999). Normalmente as pessoas mais pobres vivem na periferia das cidades ou no centro destas, mas é no primeiro caso que os índices de violência são particularmente altos (Moser, 2004). Estes fatores encaixam na zona de Sintra e Cascais, onde se insere Alcabideche, um dos locais geográficos de análise, que faz parte da Grande Lisboa, é uma área da periferia e que teve um grande crescimento populacional nas últimas décadas.

Dos crimes que se destacam, provocados pela marginalização e desigualdade encontram-se:

“contra as pessoas, são o homicídio, as ofensas corporais graves e simples, as injúrias, as ameaças, os raptos e sequestros ou as violações; nos crimes contra o património, assumem especial destaque os furtos e roubos a pessoas e da propriedade, a burla e a fraude; nos crimes contra a vida em sociedade, o tráfico e o

⁴ Caroline Moser é uma antropóloga social urbana especialista em política social. Tem mais de quarenta anos de experiência relacionada com o desenvolvimento urbano e políticas sociais.

consumo de droga⁵ são responsáveis por grande parte dos valores, e entre os crimes contra o Estado destaca-se a desobediência e coação do funcionário” (Esteves, 1999, p. 27)

Como veremos mais à frente, grande parte dos crimes acima mencionados coincidem com o conceito de crime violento e grave.

O RASI de 2009 refere que:

“nas grandes áreas metropolitanas sobressaem zonas urbanas sensíveis que concentram populações sócio e economicamente desenquadradas, sob o controlo intrínseco de grupos marginais e códigos de socialização autónomos, que tendem a eximir-se à autoridade do Estado e a constituir focos de emergência e expansão de atividades criminosas para outros territórios” (RASI, 2009, p. 33).

Salienta assim que a maior parte da criminalidade violenta e grave está associada à existência das zonas urbanas sensíveis e da atividade de alguns grupos que se dedicam à prática de crimes (RASI, 2009).

1.5. O sentimento de insegurança

Antes de se perceber o que é, como surge e o que provoca o sentimento de insegurança das pessoas, importa perceber o que é a segurança. Armando Carlos Alves elucida-nos sobre o conceito de segurança como “a condição que se estabelece num determinado ambiente, através da utilização de medidas adequadas, com vista à sua preservação e à conduta de actividades, no seu interior ou em seu proveito, sem rupturas” (Alves, 2011, p. 74)

Nos últimos tempos tem-se assistido a uma influência cada vez menor do poder político na vida das pessoas do seu próprio país em detrimento do poder económico. As pessoas sentem a necessidade de mudar constantemente de local de trabalho devido às necessidades da economia. Estas movimentações facilitam também os criminosos. Crescem associações criminosas associadas ao tráfico de droga, de pessoas, de automóveis, de armas, ao contrabando, prostituição e à lavagem de dinheiro. Fazendo com que a economia afete a segurança. Esta provoca uma maior desigualdade e discriminação criando um maior número de marginais. (Alves, 2008)

⁵ Note-se que à data da publicação deste artigo o consumo de droga ainda era tipificado como crime.

“Em termos dramáticos, há quem afirme que o nosso tempo está sendo varrido por vendavais de insegurança. Aconteceria mesmo que os melhores esforços que fazemos no sentido de tornar mais seguro o nosso ambiente conduziram, paradoxalmente, para uma insegurança ainda maior, dando lugar ao que se designa por dilema da insegurança” (Alves, 2008, p. 64)

Muitas pessoas sentem medo, principalmente pelo crime violento repentinamente perpetrado contra elas. Mas o que se tem vindo a reparar é que existe uma outra fonte de medo, que é o medo de ser perturbado por pessoas desordeiras. Não necessariamente violentas mas por exemplo: bêbados, toxicodependentes, prostitutas, mendigos e até pessoas mentalmente afetadas (Kelling & Willson, 1982).

Há também a ideia de que uma pessoa não pode fugir do crime pois este acontece em qualquer lugar ou em qualquer hora, e que por ser imprevisível e aleatório é muito difícil de evitar. Também que a ocorrência de um crime menor pode levar a que outro mais gravoso aconteça, como por exemplo um assalto levar a uma agressão ou até a um homicídio. A toxicodependência também gera este aumento de insegurança porque criou um grupo de pessoas, os drogados, que são potenciais autores de furtos ou de outros crimes por precisarem de dinheiro ou estarem alterados fisicamente ou psicologicamente, o que perturba os cidadãos (Machado, 2004).

Do estudo de Eduardo Viegas Ferreira (1998), dá-se a entender que os criminosos representam uma grande preocupação social para muitas pessoas. E os dados apontavam para que nesse ano existiria uma probabilidade de 20% das famílias na Área Metropolitana de Lisboa e 15% na correspondente no Porto serem vítimas de crimes contra o património.

1.5.1. A teoria das “Janelas Partidas”

A teoria das “Janelas Partidas” foi testada em 1961 por Philip Zimbardo, psicólogo, o que ele fez foi colocar um carro sem matrícula e com o capô aberto numa rua no *Bronx* e outro de igual forma em *Palo Alto*, na Califórnia. Ao fim de 10 minutos o carro em *Bronx* começou a ser vandalizado, tendo sido retiradas algumas peças, e ao fim de 24 horas estava praticamente sem nenhuma peça de valor. Em *Palo Alto*, o carro permaneceu inalterado por mais de uma semana. Após isso, com uma marreta, destruiu parte deste e o que aconteceu foi que ao fim de algumas horas o carro estava completamente destruído. O que isto demonstra é que se se faz parecer que se deixa de ter cuidado com as coisas, as outras pessoas, independentemente de onde for, começam a vandalizar porque ninguém se

importa. O facto de ter acontecido muito mais cedo no Bronx teve a ver com a realidade do local em que normalmente carros são abandonados e as coisas são roubadas e vandalizadas mais frequentemente. (Kelling & Willson, 1982) Estes autores afirmam também que o mesmo acontece para os edifícios. Se não se reparar, desde cedo, apenas uma janela partida, a tendência é que todo o edifício seja vandalizado. (Kelling & Willson, 1982)

1.6. Criminalidade

A alínea a) do Art.º 1.º do Código de Processo Penal (CPP) apresenta a definição de crime: “o conjunto de pressupostos de que depende a aplicação ao agente de uma pena ou de uma medida de segurança criminais” (Ministério da Justiça [MJ], 1987). No mesmo artigo e na alínea j), o CPP define “criminalidade violenta” como: “as condutas que dolosamente dirigem contra a vida, a integridade física, a liberdade pessoal, a liberdade e autodeterminação sexual ou a autoridade pública e forem puníveis com pena de prisão de máximo igual ou superior a 5 anos” (MJ, 1987).

A “criminalidade violenta e grave” foi um conceito introduzido pelo Conselho Superior de Estatística para a classificação dos crimes e que tem sido utilizado no Sistema Nacional de Estatística e consequentemente nos Relatórios Anuais de Segurança Interna (RASI). Neste conceito estão atualmente 25 tipos criminais, “as tipologias criminais que a integram têm, como denominador comum, a violência física e psicológica, sendo assim causadores de forte sentimento de insegurança” (Sistema de Segurança Interna, 2015). Os tipos criminais considerados graves e violentos podem ser encontrados no Anexo A.

Armando Carlos Alves (2010) constata que à medida que a gravidade dos atos criminais aumenta o número de atores que os comete diminui, por isso existe uma grande quantidade de pessoas que comete pequenas falhas, culminando em cerca de 5% da população a cometer cerca de metade de todos os crimes. Num estudo aprofundado acerca da criminalidade em Portugal entre 1985 e 1996, Eduardo Viegas Ferreira (1998) analisou a incidência territorial da criminalidade por distritos, e para isso calculou a taxa de criminalidade através da relação entre os crimes registados pelas autoridades policiais e a população residente em cada distrito, apresentando os dados com uma incidência por 100.000 habitantes. Uma das conclusões que tira é que a criminalidade é mais concentrada na zona litoral e nos distritos de Lisboa, Porto e Setúbal, “ou seja, entre dois terços e três quartos dos crimes ocorreram num espaço que corresponde a apenas cerca de 11% da área

total do país (...) residia por outro lado menos de metade (45%) da população portuguesa” nesses locais (Ferreira, 1998, p. 37). Isto sugere-nos que a maior parte da criminalidade está concentrada nas zonas mais densamente povoadas e mais urbanizadas a nível nacional.

A criminologia é a ciência que estuda o crime, no seu sentido mais restrito. (Mannheim, 1984). De modo a melhor reduzir tipologicamente os estudos a grupos com as mesmas características, as tipologias da criminologia podem ser divididas em: tipologia de crimes, tipologias de criminosos e tipologias de vítimas (Dias & Andrade, 2013).

A abordagem CPTED⁶ de Charles Ray Jeffery refere medidas que podem ser adotadas no espaço urbano para prevenir a criminalidade, um dos fundamentos desta abordagem é que “a criminalidade não pode ser controlada através de medidas orientadas para o criminoso, mas apenas através da gestão do meio em que os crimes ocorrem” (Neves, 2012), assim como “as causas da criminalidade encontram-se nas reações dos indivíduos às presentes condições do meio e nas futuras consequências desse comportamento” (Neves, 2012), daí que o presente estudo incida em estudar as características de duas zonas diferentes.

1.6.1. Evolução da criminalidade entre 2010 e 2015

Dados registados nos RASI entre 2010 e 2015 permitiram perceber a evolução da criminalidade no referido período.

No quadro n.º 1 encontra-se a relação do número de crimes no geral que foram registados em cada ano:

Quadro n.º 1 – Crimes registados por ano

Ano	Nº de crimes
2010	413.600
2011	405.288
2012	395.827
2013	368.452
2014	343.768
2015	356.032

Fonte: Sistema de Segurança Interna (SSI, 2010-2015)

⁶ Crime Prevention Through Environmental Design, em português: Prevenção Criminal Através do Espaço Construído

Como podemos verificar, tem havido uma diminuição contínua do número de crimes que têm sido registados desde 2010 até 2014. Porém, em 2015 o número de crimes no geral aumentou 1,3% para 356.032, isto pode ter sido “devido à proatividade das forças policiais e ao registo de alguns crimes que não existiam em 2014” (Cruz, 2016) em sintonia com palavras proferidas pela Ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa. De notar que a categoria de crimes que foi mais registada, em todos os anos, foram os crimes contra o património, que ocupam uma fatia considerável no número total de crimes por categoria. Embora o número total de crimes participados tenha diminuído, pelo menos até 2014, nalguns anos algumas categorias aumentaram isoladamente, não tendo afetado o número no geral. (SSI, 2010-2015)

No quadro n.º 2 encontra-se a relação do número de crimes violentos e graves que foram registados em cada ano⁷:

Quadro n.º 2 – Crimes violentos e graves registados por ano

Ano	Nº de crimes
2010	24.456
2011	24.154
2012	22.270
2013	20.147
2014	19.061
2015	18.964

Fonte: SSI (2010-2015)

Assim como a criminalidade no geral também a criminalidade violenta e grave tem diminuído em todos os anos, e ao contrário da criminalidade no geral para o ano de 2015, a criminalidade violenta e grave também desceu, como se tem vindo a verificar ao longo dos anos, embora a descida tenha sido ligeira, de 0,6%. Verifica-se também que os crimes que representam uma maior expressão em todos os anos são os crimes de roubo, especialmente roubo na via pública e roubo por esticção (SSI, 2010-2015).

⁷ Ressalva-se que os tipos de crimes que se consideram violentos e graves não sofreram alterações ao longo dos anos em análise, tendo a última alteração sido em 2010 (Conselho Superior de Estatística, 2010).

1.6.2. Criminalidade no espaço rural ou urbano

Mannheim analisa alguns estudos do início do século XX que relacionam a densidade populacional com a taxa de criminalidade. Num dos estudos, no Reino Unido, estão representados condados rurais num extremo, com baixa densidade e baixa taxa de criminalidade e no outro extremo estão condados suburbanos com alta densidade e uma taxa de criminalidade mais alta (Mannheim, 1985b). Devido à grande e crescente urbanização que já foi referida anteriormente, a forma de construção da cidade “pela sua heterogeneidade étnica e cultural, pelo anonimato e atomismo da sua interação, (...) caracteriza-se pela ruptura dos mecanismos tradicionais de controlo (família, vizinhança, religião, escola)” (Dias & Andrade, 2013, p. 269), identifica-se aqui a cidade como um local onde o controlo da criminalidade por parte das outras pessoas é menor o que potencia o aumento do crime. Em contraste com o meio rural que tem uma “natureza intrinsecamente coercitiva e com um monismo rígido de modelos de ação” (Dias & Andrade, 2013, p. 269).

Numa investigação sobre a criminalidade em Lisboa, Alina Esteves refere que estudos foram produzidos em Portugal acerca do crime associado à geografia. Entre os quais são relacionados o número de condenados com fatores ecológicos⁸, número de condenados com as características sociais da população. Conclui-se que o número de crimes se relaciona com o desenvolvimento urbano de cada distrito e também se concluiu que a taxa do número de condenados é superior nos distritos mais urbanos (Esteves, 1999).

1.7. O patrulhamento da GNR

A Lei Orgânica da GNR, no n.º 1 do Art.º 39.º, estabelece: “As subunidades operacionais dos comandos territoriais são os destacamentos, que se articulam localmente em subdestacamentos ou postos” (Assembleia da República [AR], 2007), esta articulação diferencia-se no seu comando em que o Subdestacamento tem comando de oficial subalterno enquanto o Posto tem comando de sargento (Ministério da Administração Interna [MAI], 2008).

⁸ Densidade, mobilidade populacional, migração, imigração, urbanização e ambiente habitacional (Mannheim, Criminologia Comparada, 1985)

Um dos atores mais importantes destas unidades é o patrulheiro, que tem o papel de: “rondar e intervir, de modo mais ou menos rotineiro, uma área de responsabilidade, gerando expectativas no sentido de informar, prevenir, reprimir e socorrer em casos de desvio, problema ou emergência” (Alves, 2011, p. 134). Tem sem dúvida um papel muito difícil pois ao contrário dos tribunais, inspetores, magistrados e advogados que têm algum tempo para analisar e decidir, e porque o comandante nem sempre está presente para dar ordens, o patrulheiro tem que decidir no momento e no local sem ter tempo para consultar legislação ou doutrina (Alves, 2011). Em casos de violência este tem que agir o mais rápido possível. Pode-se portanto dizer que “os elementos da função polícia são gestores da violência” (Alves, 2011, p. 82).

A lei de política criminal para o biênio de 2009-2011 estabeleceu que “As forças e os serviços de segurança desenvolvem, em zonas urbanas sensíveis e no âmbito de estratégias integradas de prevenção e intervenção, acções regulares de policiamento reforçado” (AR, 2009). Este conceito de zona urbana sensível (ZUS) surgiu pela primeira vez no RASI de 2007 como “zona problemática”. No RASI de 2009 refere “a existência de zonas urbanas sensíveis e a atividade de diversos grupos organizados que se dedicam à prática de crimes” (p. 33) como principais fontes do agravamento da criminalidade violenta, como já foi referenciado anteriormente. Este conceito seguiu-se nos relatórios consequentes e foi também adotado neste estudo.

CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO

O SDTer de Alcabideche pertence ao Destacamento Territorial (DTer) de Sintra, que por sua vez está subordinado ao Comando Territorial de Lisboa. O SDTer de Alcabideche tem a responsabilidade de patrulhamento da freguesia de Alcabideche, que pertence ao Município de Cascais.

O PTer de Merceana pertence ao DTer de Alenquer e este também está subordinado ao Comando Territorial de Lisboa. O PTer de Merceana tem como responsabilidade o patrulhamento da área correspondente às antigas⁹ freguesias de: Aldeia Galega da Merceana, Aldeia Gavinha, Cabanas de Torres, Olhalvo, Pereiro de Palhacana, Ventosa, Vila Verde dos Francos e Ribafria, pertencentes ao Município de Alenquer.

2.1. Dados demográficos

Quanto à divisão por NUTS¹⁰, o município de Cascais pertence à Área Metropolitana de Lisboa em NUTS II e NUTS III, e o município de Alenquer pertence ao Centro em NUTS II e ao Oeste em NUTS III (Comissão Europeia, 2014).

Através dos Censos 2011, realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) foi possível perceber o número da população, por local de residência, para as áreas de estudo, assim como a densidade populacional (n.º/km²). O quadro n.º 3 descreve estes dados demográficos.

⁹ Antes do regime jurídico da reorganização administrativa territorial autárquica aprovado pela Lei n.º 22/2012 (Assembleia da República [AR], 2012)

¹⁰ Do francês: *Nomenclature des Unités Territoriales Statistique*, em português: Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas ou Nomenclatura das Unidades Territoriais Estatísticas

Quadro n.º 3 – N.º de população, densidade populacional

Freguesia	População (n.º)	Densidade populacional (n.º/km²)
Alcabideche	42162	1060,2
Aldeia Galega da Merceana	2079	105,5
Aldeia Gavinha	1142	138,4
Cabanas de Torres	989	144,7
Olhalvo	1907	229,9
Pereiro de Palhacana	577	62,6
Ventosa	2173	97,9
Vila Verde dos Francos	1162	41,3
Ribafria	970	106,2

Fonte:(Instituto Nacional de Estatística [INE], n/a)

Na Zona de Ação (ZA) do SDTer de Alcabideche residem então 42.162 pessoas, segundos os Censos 2011, verifica-se também que a densidade populacional é de 1060,2 habitantes por Km². Na ZA do PTer de Merceana totalizam-se 10.999 pessoas, e como a sua área totaliza 111,76 km² (INE, n/a) possui uma densidade populacional de aproximadamente 98,42 habitantes por Km².

2.2. Tipologia de áreas urbanas

A 39ª Deliberação da Secção Permanente de Coordenação Estatística (Conselho Superior Estatístico, 2014) aprovou a classificação da tipologia de áreas urbanas. Esta classificação permite identificar as Freguesias como Áreas Predominantemente Urbanas (APU), Áreas Mediamente Urbanas (AMU) e Áreas Predominantemente Rurais (APR). A definição destes conceitos e os requisitos para a classificação das freguesias podem ser consultados no Anexo B. O quadro n.º 4 mostra a classificação das freguesias do estudo.

Quadro n.º 4 – Tipologia de área urbana das freguesias do estudo

Freguesia ¹¹	Tipologia de Área Urbana
Alcabideche	APU
Olhalvo	AMU
Ventosa	AMU
Vila Verde dos Francos	APR
União das freguesias de Abrigada ¹² e Cabanas de Torres	APR
União das freguesias de Aldeia Galega da Merceana e Aldeia Gavinha	APR
União das freguesias de Ribafria e Pereiro de Palhacana	AMU

Fonte: (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

Pode-se retirar destes dados que a área patrulhada pelo SDTer Alcabideche é predominantemente urbana. Por outro lado, a área patrulhada pelo PTer de Merceana é composto por freguesias mediantemente urbanas e freguesias predominantemente rurais.

Existem também na freguesia de Alcabideche algumas zonas de habitação social como são exemplo o Bairro da Cruz Vermelha, o Bairro da Adroana e o Bairro Novo de Alcoitão.

2.3. Acessos rodoviários e ferroviários¹³

Quanto aos acessos rodoviários principais que passam em Alcabideche temos a A16 que cruza a norte e oeste da zona urbana; a A5 que passa a sul; a EN 6-8 que atravessa a área urbana desde a A16, a norte, até à A5, a sul, e a EN 9 que parte de sudoeste de Alcabideche. A estação ferroviária mais próxima é em Cascais e dista cerca de 3Km através da Avenida de Sintra. Nas suas proximidades incluem-se as cidades de Queluz, Agualva-Cacém, Amadora e Lisboa, esta última distando cerca de 25 Km. A vila de Cascais, sede de concelho e bastante populacionada, encontra-se adjacente, a sul.

¹¹ A classificação foi feita após a reforma Administrativa aprovada pela Lei nº 22/2012 (Assembleia da República [AR], 2012)

¹² A área correspondente à antiga freguesia de Abrigada não faz parte do presente estudo

¹³ Obtido de Infraestruturas de Portugal: <http://www.infraestruturasdeportugal.pt/> e Google Maps: <https://www.google.pt/maps> ambos acedidos a 18 de abril de 2016.

Em relação à área do PTer de Merceana, o acesso faz-se sobretudo por estradas nacionais. A autoestrada mais próxima é a A8, que dista sensivelmente 20Km a oeste. As vias principais são a N115 a oeste e a sul com a sua variante N115 – 3 e a N9 que atravessa as freguesias de Olhalvo e Meca e faz a ligação a Alenquer e à N1. As estações ferroviárias mais próximas situam-se a sudoeste a sensivelmente 10 Km do ponto mais próximo de modo que o acesso a esta área não é facilitado. A cidade mais próxima é Torres Vedras que se distancia cerca de 20Km. Alenquer, sede de concelho, fica adjacente, na parte mais a sudeste.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p. 13) “importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho”, portanto no presente capítulo é apresentada e explicada a metodologia que foi adotada para a realização deste trabalho.

A elaboração deste relatório segue a Norma de Execução Permanente 522/1ª de 20 de janeiro de 2016: Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação, da Academia Militar. Nas partes em que é omissa segue o “*Publication Manual of the American Psychological Association*”, 6ª edição e o “Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada”, 3ª Edição de Manuela Sarmento.

3.1. Abordagem

O método que foi utilizado foi o método dedutivo. Este visa uma abordagem “do geral para particular, ou seja, raciocinar dedutivamente é partir de premissas gerais em busca de uma verdade particular” (Freixo, 2012, p. 106). Adotaram-se os conhecimentos anteriores, de que nas áreas mais urbanizadas o crime ocorre mais intensamente do que nas áreas mais rurais, assim como nos estudos portugueses anteriormente referenciados de que os distritos mais urbanizados eram os que tinham uma maior taxa de criminalidade. Também se baseou nas indicações dos RASI, de que a criminalidade violenta e grave tem origem nas zonas urbanas sensíveis, também chamadas de bairros problemáticos.

Do estudo de 1998 de Eduardo Viegas Ferreira, que teve como período temporal 1985 até 1996, foram analisados os crimes registados às autoridades policiais e feita a incidência por distritos. No presente trabalho foram analisados os crimes violentos e graves registados na área de Alcabideche, mais urbanizada, e do PTer de Merceana, mais rural, através da taxa de criminalidade.

Inicialmente foi feita uma análise quantitativa das taxas de criminalidade, que constitui “um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis” (Freixo, 2012, p. 171) e posteriormente uma análise qualitativa, mais aprofundada, através de inquéritos por entrevistas, para apurar o perfil das vítimas e dos autores dos crimes, o modo como estes atuam e também como atuam as forças de segurança, concretamente a GNR, pois é esta a força responsável por estas áreas.

3.2. Modelo de análise

De modo a individualizar, especificar e tornar único o problema de investigação (Freixo, 2012) construiu-se a seguinte questão central, como já tinha sido referido anteriormente: **“Qual a diferença na criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”**. Para investigar melhor a problemática em questão sentiu-se a necessidade de derivar algumas questões, as quais se apresentam de seguida:

Questão derivada n.º 1 - Qual a diferença na taxa de criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?

Questão derivada n.º 2 - Qual a diferença no perfil dos autores dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?

Questão derivada n.º 3 - Qual a diferença no perfil das vítimas dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?

Questão derivada n.º 4 - Qual a diferença no modo de atuação dos autores dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?

Questão derivada n.º 5 - Qual a diferença na atuação da GNR entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche para a criminalidade violenta e grave?

Ao responder a estas questões conseguimos informação suficiente para responder à questão central do trabalho.

3.3. Procedimento e técnicas de recolha de dados

Como acontece com outros fenómenos sociais, o crime não pode ser visto como a expressão de um comportamento individual mas antes como um fenómeno massivo (Mannheim, 1984) daí foram usadas estatísticas para comparar as duas áreas, Alcabideche e Merceana, calculando a taxa de criminalidade. Esta foi feita dividindo o número de crimes violentos e graves na sua totalidade e em cada tipo, dependendo do que se quer analisar, pela população da área em questão e de seguida multiplicando por 10.000, para que a ordem de grandeza do resultados seja de número de crimes em questão por 10.000 habitantes. Esta ordem de grandeza foi escolhida desta forma para encaixar mais facilmente no número da população das duas áreas, que é da ordem das dezenas de milhar de residentes. Este cálculo foi adotado em todos os objetos de análise.

Numa segunda fase foram recolhidos dados sobre os autores dos crimes violentos e graves, como estes atuam, quais são as principais vítimas e de que forma é efetuado o policiamento das duas áreas. Para isso foram desenvolvidos inquéritos por entrevista a militares que desempenham ou desempenharam funções nas duas áreas, no período em análise.

De modo a analisar os dados, e como estes consistem na sua maior parte “em pequenas narrativas resultantes das observações (...) carecendo que o investigador os organize conferindo-lhes sentido e lógica” (Freixo, 2012, p. 180) foi elaborada uma tabela com vários segmentos de resposta e identificados quais os segmentos que os entrevistados responderam, e embora a análise seja qualitativa, como foi referido no subcapítulo anterior, sofreu um tratamento quantitativo para que no fim se consiga perceber qual a resposta que teve mais frequência, permitindo ao investigador “uma representação dos dados num espaço visual reduzido; auxilia a planificação de outras análises; facilita a comparação entre diferentes conjuntos de dados e por último, garante a utilização direta dos dados no relatório final” (Freixo, 2012, p. 180). Foi utilizado um código alfanumérico para discernir as questões dos grupos A e B, assim como para diferenciar os segmentos dentro de cada questão (ver apêndice C).

A forma de entrevista escolhida foi a semidiretiva, pois permite seguir um encadeamento de temas ou questões e dá alguma liberdade ao entrevistado para que aprofunde mais um bocado de modo a transmitir mais dados, prima portanto pela

verificação de um domínio conhecido ou aprofundamento de um certo domínio (Ghiglione & Matalon, 2001). É a mais utilizada em investigação social, não sendo inteiramente aberta nem guiada por perguntas precisas, “o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber informação” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 194).

3.4. Amostra

A amostra é constituída por dois grupos. O grupo A refere-se aos entrevistados relacionados com o SDTer de Alcabideche (ver apêndice A), e o grupo B refere-se aos entrevistados relacionados com o PTER de Merceana (ver apêndice B). No quadro n.º 5 encontra-se a caracterização dos entrevistados, divididos para os dois grupos. Em ambos os grupos a amostra contempla comandantes que estiveram nas áreas e durante o período de estudo, a chefes dos Núcleos de Investigação Criminal, chefe da Secção de Programas Especiais e a militares responsáveis pelos inquéritos criminais, de maneira a poder responder às questões derivadas.

Quadro n.º 5 – Caracterização dos entrevistados

Entrevistado	Posto	Função atual	Funções anteriores relevantes para o estudo
Entrevistados do Grupo A			
E1	Capitão	Comandante do DTer de Sintra (desde Dec13)	Adjunto do Comandante do DTer de Sintra (2010); Coordenador do Serviço de Polícia Municipal de Sintra (2010 – 2013)
E2	Capitão	Adjunto na Secção de Operações e Informações	Comandante do SDTer de Alcabideche (10Fev10 a 31Dec14)
E3	Tenente	Adjunto do Comandante do DTer de Sintra	Adjunto do Destacamento de Intervenção de Lisboa (2013); Comandante do SDTer de Alcabideche (2015)
E4	Tenente	Comandante do SDTer de Alcabideche (desde Out15)	-
E5	1º Sargento	Chefe do NIC de Sintra	Várias passagens em núcleos de investigação criminal do Comando Territorial de Lisboa

E6	Cabo	Responsável por inquéritos em Alcabideche (2011 – 2013; 2015 – 2016)	-
E7	Guarda Principal	Responsável por inquéritos em Alcabideche (desde 2008)	-
E8	Guarda Principal	Responsável por inquéritos em Alcabideche (desde 2011)	Patrulheiro em Alcabideche (2008 – 2011)
Entrevistados do Grupo B			
E9	Tenente	Comandante do Destacamento Territorial de Alenquer	Adjunto do Comandante de Destacamento de Alenquer (2012 – 2016)
E10	Sargento-Ajudante	Chefe do Núcleo de Apoio Técnico de Vila Franca de Xira	Cmdt PTer Merceana (2005-2012)
E11	Sargento-Ajudante	Secção de Formação e Treino da USHE	Cmdt PTer Merceana (2013-2015)
E12	Sargento-Ajudante	Cmdt PTer Merceana (desde abril de 2015)	-
E13	1º Sargento	Chefe do NIC de Alenquer (desde 2008 no NIC)	-
E14	Cabo	Adjunto do Comandante de PTer e chefe da EII de Merceana	Colocado no PTer de Merceana desde a sua constituição.
E15	Cabo	Chefe da Secção de Programas Especiais de Alenquer desde 2013	-

Fonte: elaboração própria

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo apresentaremos então os resultados recolhidos através do trabalho de campo, que se baseou em análise de dados e inquéritos por entrevista, e também serão discutidos esses mesmos resultados.

4.1. Diferença na taxa de criminalidade violenta e grave

Através do cruzamento do número de crimes recolhidos da base de dados da DGPJ¹⁴, com o número de habitantes das áreas de estudo, foi possível determinar a taxa de criminalidade. Pela ordem de grandeza do número de habitantes se situar nas dezenas de milhares, os valores exibidos para as diversas taxas de criminalidade são apresentados por 10.000 habitantes. De referenciar também que o número de habitantes usado para calcular a taxa foi igual para todos os anos, tendo sido usado a informação dada pelos Censos 2011.

4.1.1. Taxa de criminalidade violenta e grave geral

A taxa de criminalidade para os crimes violentos e graves ocorridos entre 2010 e 2015 em Alcabideche e Merceana pode ser consultada na figura n.º 1. Como podemos verificar, a taxa de criminalidade para os crimes violentos e graves entre 2010 e 2015 foi de 29,09 crimes por 10.000 habitantes para Merceana, ao passo que para Alcabideche foi de 130,22 crimes por 10.000 habitantes. Para além do número absoluto ser superior em Alcabideche, como seria de esperar por ser uma área com mais habitantes, também a taxa de criminalidade violenta e grave é bastante superior, sendo mais de quatro vezes superior a Merceana.

¹⁴ Direção-Geral da Política de Justiça, consultar anexo C

Verifica-se então que Alcabideche, que é uma área predominantemente urbana, tem notoriamente, uma maior taxa de criminalidade em relação à área patrulhada pelo PTer de Merceana que é mediamente urbana e rural.

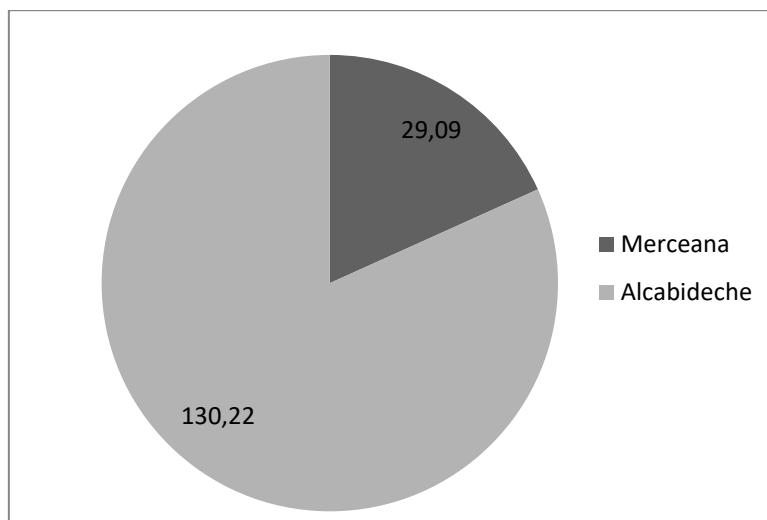


Figura n.º 1 – Taxa de criminalidade em Merceana e Alcabideche entre os anos de 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)

Fonte: Elaboração própria

Na figura n.º 2 pode ser vista a taxa de criminalidade dos crimes violentos e graves para Alcabideche e Merceana para cada ano de 2010 a 2015. Como tínhamos visto anteriormente, a criminalidade violenta e grave em Portugal tem vindo progressivamente a descer desde 2010 e pelo menos até 2015. No caso específico de Alcabideche verificamos que não acompanha a tendência nacional pois teve períodos que subiu e outros em que desceu, contudo, a taxa correspondente ao ano de 2015 é inferior à taxa que se verificou existir em 2010. No caso da área do PTer de Merceana observa-se que se tem mantido baixa e estável ao longo dos anos analisados, tendo apenas havido um pico superior em 2014, curiosamente coincidente com o pico inferior de Alcabideche.

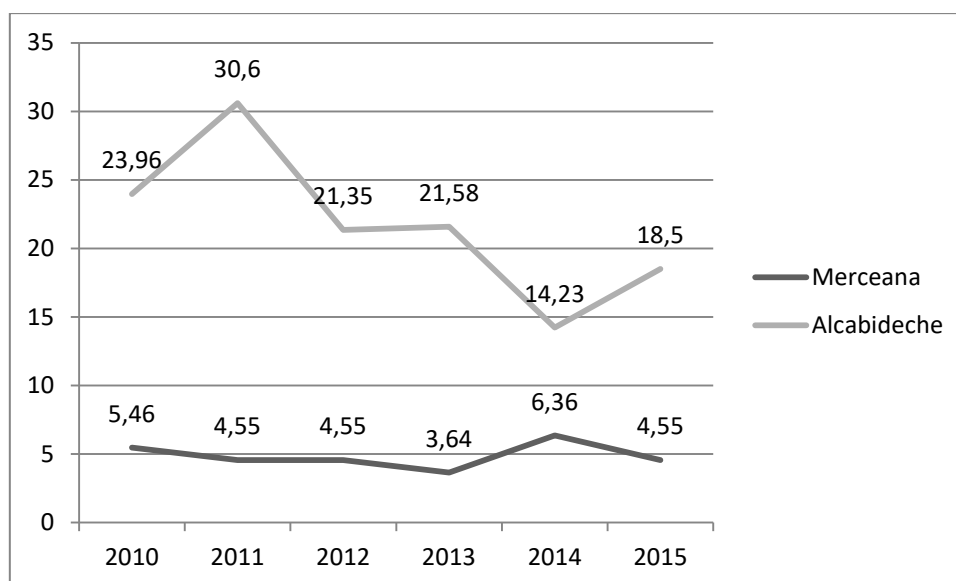


Figura n.º 2 – Taxa de criminalidade violenta e grave (por 10.000 habitantes)

Fonte: Elaboração própria

Através dos Censos 2011, podemos também cruzar o número da população residente em Portugal com os dados reunidos anteriormente nos RASI, e com isto chegar à taxa de criminalidade violenta e grave em Portugal, a qual podemos encontrar no quadro n.º 6.

Quadro n.º 6 - Taxa de criminalidade violenta e grave em Portugal entre 2010 e 2015

Ano	Taxa de criminalidade (n.º/10.000 habitantes)
2010	23,15
2011	22,87
2012	21,08
2013	19,07
2014	18,05
2015	17,95
2010 - 2015	122,18

Fonte: Elaboração própria

Vemos então que a taxa de criminalidade violenta e grave em Merceana é sempre inferior à taxa nacional.

No caso de Alcabideche é superior na maioria dos anos. Em 2012 a taxa aproximase bastante e em 2014 é mais baixa que a média nacional, este ano caracterizou-se por ser um ano baixo, em termos de criminalidade violenta e grave, para Alcabideche. No global dos cinco anos a taxa de criminalidade violenta e grave em Alcabideche é superior à taxa nacional.

4.1.2. Taxa de criminalidade violenta e grave por crimes

De seguida apresentam-se os valores das taxas de criminalidade violenta e grave nos 5 anos por cada crime, de maneira a melhor observar os gráficos optamos por separar os crimes de roubo dos outros crimes. Dos 25 crimes violentos e graves, ficaram de fora os crimes de: roubo em estabelecimento de ensino; pirataria aérea e outros crimes contra a segurança da aviação civil; motim, instigação e apologia pública do crime; associação criminosa; organizações terroristas e terrorismo nacional e outras organizações terroristas e terrorismo internacional. Isto porque tanto em Merceana como em Alcabideche não ocorreram nenhum destes crimes, nestes cinco anos de análise.

A figura n.º 3 mostra então as taxas dos crimes de roubo. Destes crimes, não houve qualquer ocorrência em Merceana os crimes de roubo a transporte de valores, roubo em transporte público, roubo a posto de abastecimento de combustível, roubo a ourivesarias, roubo a farmácias, roubo a tesouraria ou estação de correios e roubo a banco ou estabelecimento de crédito. Os que tiveram mais incidência foram os crimes de roubo por esticção com uma taxa de 6,36 crimes por 10.000 habitantes; roubo em residência com 2,73 crimes por 10.000 habitantes e roubo a estabelecimentos comerciais ou industriais com 1,82 crimes por 10.000 habitantes. Por sua vez, em Alcabideche tiveram mais expressão, manifestamente, os crimes de roubo na via pública e roubo por esticção que tiveram uma taxa de respetivamente 38,90 crimes por 10.000 habitantes e 35,34 crimes por 10.000 habitantes, acompanhando assim a tendência nacional em que os crimes violentos e graves mais registados também foram estes.

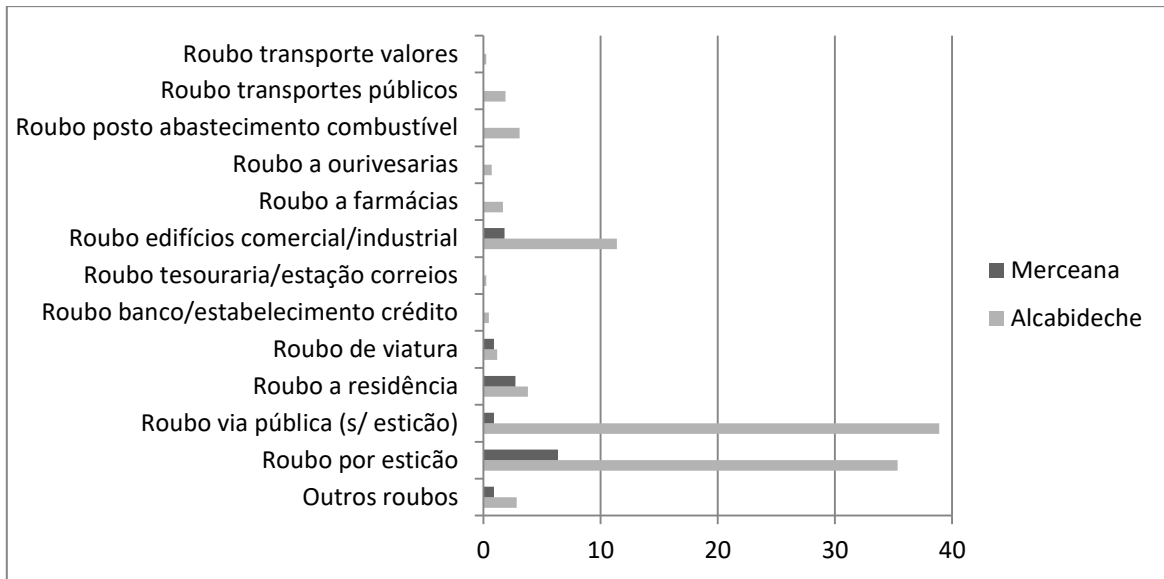


Figura n.º 3 – Taxa de criminalidade dos crimes de roubo entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)

Fonte: Elaboração própria

Na figura n.º 4 atentamos ao englobamento dos crimes de roubo nos cinco anos estudados e podemos ver claramente que a taxa em Alcabideche é bastante superior que a taxa em Merceana, sendo mais de sete vezes superior. Verifica-se também que os crimes de roubo têm mais peso em Alcabideche, dentro dos crimes violentos e graves registados.

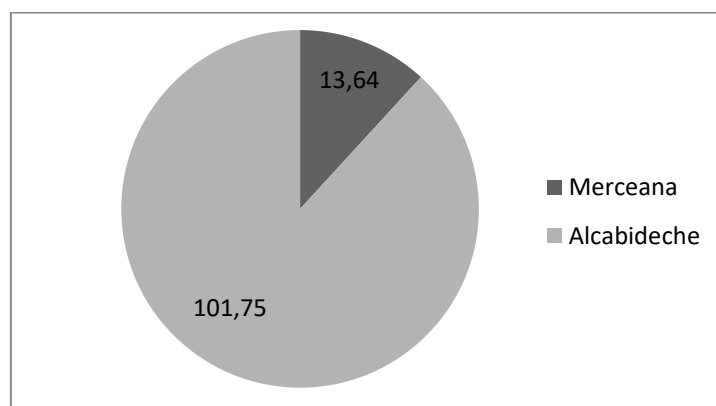


Figura n.º 4 – Taxa de criminalidade para os crimes de roubo englobados entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)

Fonte: Elaboração própria

Na figura n.º 5 encontram-se então as taxas de criminalidade para os restantes crimes violentos e graves. Dos crimes de extorsão, violação e ofensa à integridade física voluntária grave não foi registado nenhum em Merceana. Mas conseguimos ver que o crime de resistência e coação sobre funcionário teve bastante peso em Merceana, tendo sido até o crime mais registado, a par do crime de roubo, se atentarmos a todos os *modus operandi*, ou seja, ao englobamento dos crimes de roubo, que é a forma que está tipificada no Código Penal, tendo ambos a taxa de 13,64 crimes por 10.000 habitantes. Mesmo assim não há nenhum crime violento e grave que tenha sido mais registado ou que tenha uma taxa maior em Merceana do que Alcabideche.

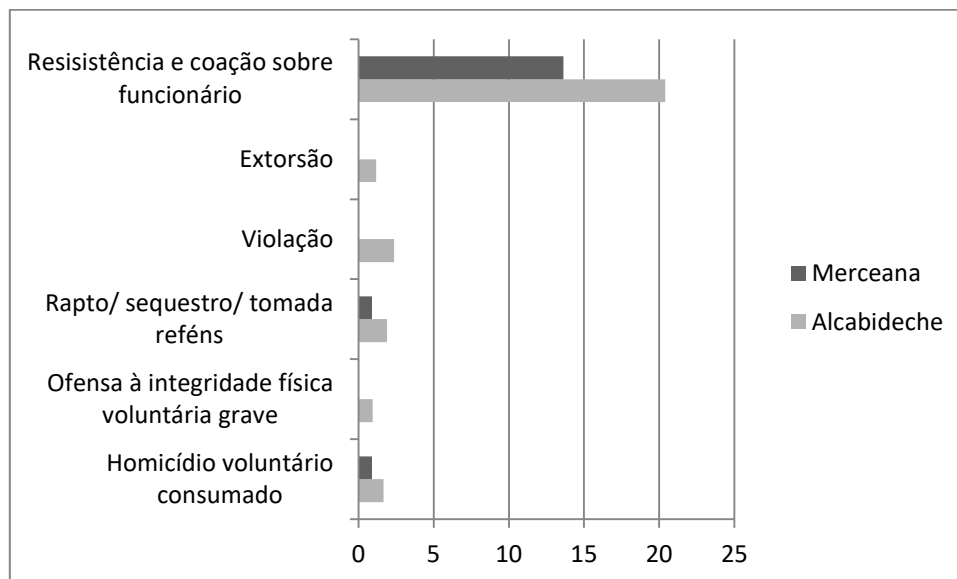


Figura n.º 5 – Taxa de criminalidade para os outros crimes violentos e graves entre 2010 e 2015 (por 10.000 habitantes)

Fonte: Elaboração própria

Por fim, sabendo até aqui que a taxa de criminalidade é superior em Alcabideche em todos os crimes violentos e graves, importa salientar também o quão superior é, ou seja, vamos calcular a percentagem da diferença entre a taxa de criminalidade violenta e grave de Merceana para Alcabideche, através dos dados das taxas resultantes dos cálculos anteriores. Para isso, apresentamos no quadro n.º 7, a diferença percentual entre a taxa de

criminalidade violenta e grave de Merceana e a de Alcabideche, apenas para os crimes que têm representação em Merceana. Adotamos o seguinte cálculo:

$$(a - b)/b \times 100 = x$$

Onde a: Taxa de criminalidade violenta e grave de Alcabideche (2010 a 2015); b: Taxa de criminalidade violenta e grave de Merceana (2010 a 2015) e x: Diferença percentual.

Quadro n.º 7 – Diferença percentual entre a Taxa de Merceana e a Taxa de Alcabideche

Tipo de Crime	Taxa Merceana	Taxa Alcabideche	Diferença percentual
Homicídio voluntário consumado	0,91	1,66	82,61%
Rapto/ sequestro/ tomada reféns	0,91	1,90	108,70%
Roubo por esticão	6,36	35,34	455,29%
Roubo via pública (s/ esticão)	0,91	38,90	4178,35%
Roubo a residência	2,73	3,79	39,13%
Roubo de viatura	0,91	1,19	30,44%
Roubo edifício comercial/industrial	1,82	11,38	526,10%
Outros roubos	0,91	2,85	213,05%
Resistência e coação sobre funcionário	13,64	20,40	49,57%

Fonte: Elaboração própria

Como já tínhamos reparado, o roubo na via pública sem contabilizar o roubo por esticão, tem uma representação muito alta em Alcabideche comparado a Merceana, sendo 4178,35% superior, que é o mesmo que dizer que é mais de 41 vezes superior em Alcabideche que em Merceana. A seguir a maior diferença é no roubo a edifícios comerciais ou industriais, sendo a diferença de 526,10%, ou seja, mais de 5 vezes superior, e em terceiro lugar é no roubo por esticão em que a diferença é de 455,29%, isso é mais de 4 vezes superior.

Do outro lado, o crime em que a diferença é menor é no crime de roubo em viatura, em que a diferença é de 30,44% isto acontece sobretudo porque em Alcabideche a expressão não foi muito alta, a seguir foi roubo a residência com 39,13% e em terceiro

lugar o crime de resistência e coação sobre funcionário com 49,57% de diferença, tendo sido este, inclusive, o crime com maior expressão em Merceana.

4.2. Análise das entrevistas do grupo A

Neste presente subcapítulo inicia-se a apresentação da análise das respostas dadas pelos entrevistados do grupo A. As ideias-chave assim como os códigos correspondentes aos segmentos identificados podem ser vistos no quadro n.º 31, no apêndice D. No final de cada subcapítulo seguinte apresenta-se um quadro com os resultados apurados, com a frequência de cada segmento de resposta identificado e com a percentagem de entrevistados que responderam também a cada segmento.

4.2.1. Análise da questão A1

A primeira pergunta feita aos entrevistados do grupo A: “O que contribui para que haja uma taxa de criminalidade violenta e grave relativamente alta em Alcabideche?” levou a que 87,50% destes tivesse respondido que esta se deve à existência de zonas urbanas sensíveis, que são zonas de habitação social problemática. 50% dos entrevistados respondeu também que a facilidade dos acessos a Alcabideche, nomeadamente a A5 e a A16, provocam uma relativa alta criminalidade violenta e grave em Alcabideche. Há que ressaltar o que mencionou E4: “Torna-se difícil referir que existe uma elevada taxa de criminalidade violenta e grave, isto porque num total de 1315 crimes registados, verificamos que cerca de 80 integram este tipo de criminalidade” fazendo referência que dentro da criminalidade no geral, uma pequena parte é violenta e grave. Mas se compararmos com a taxa de criminalidade violenta e grave nacional, em Alcabideche esta é ligeiramente superior (exceto em 2012), como se verificou em 4.1.1.

Dos entrevistados 32,50% destes referenciam ainda que a taxa é relativamente elevada devido à falta de ocupação, seja profissional ou educacional, de algumas pessoas. Com menos expressão, alguns entrevistados também afirmaram que se deve à presença de zonas comerciais e empresariais, ao facto do Cascais Shopping e o Hospital de Cascais se encontrarem em Alcabideche, a mistura de zonas de habitação social com zonas de classe média-alta e as condições precárias que algumas pessoas vivem e lhes levam a praticar furtos, passando depois para roubos.

Quadro n.º 8 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A1

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A1.1	X	X	X	X	X	X	X		7	87,50
A1.2	X	X	X	X					4	50,00
A1.3	X		X						2	25,00
A1.4	X								1	12,50
A1.5						X	X	X	3	32,50
A1.6								X	1	12,50

4.2.2. Análise da questão A2

Quanto à questão A2: “Na sua opinião, de que maneira a urbanização de Alcabideche e áreas envolventes potencia os crimes violentos e graves?”, 75% dos entrevistados respondeu que a construção de habitações onde se reúnem pessoas que normalmente se dedicam a este tipo de crimes é a principal causa desta criminalidade. E7 refere: “Acabaram os bairros de lata mas juntaram os grupos criminosos que haviam nesses bairros para estes bairros sociais que criaram e organizam-se entre eles” fazendo com que tivessem acabado com o antigo problema dos “bairros de lata”, mas juntando as mesmas pessoas em novos bairros, também como mencionou E3: “A decisão de se juntar e criar habitações sociais para famílias que normalmente são desestruturadas” foram políticas executadas que potenciam o desenvolvimento da criminalidade violenta e grave. E4 também acrescenta: “Potencia devido a uma tendência de aglomeração de pessoas com dificuldades económico-sociais num mesmo local, que tendem a se deslocar para fora desses Bairros para efetuar vários delitos”.

Também 50% dos entrevistados referiu que a proximidade de Alcabideche com outras áreas urbanas como a linha de Sintra, Amadora, o resto de Cascais e o centro de Lisboa, faz com que alguns criminosos se desloquem para este local com o intuito de praticar alguns crimes violentos e graves. Por fim, E1 acrescenta que a mistura de indivíduos de diferentes nacionalidades num mesmo local também provoca alguns confrontos entre eles.

Quadro n.º 9 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A2

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A2.1	X		X	X		X	X	X	6	75,00
A2.2	X								1	12,50
A2.3		X		X	X		X		4	50,00

4.2.3. Análise da questão A3

A questão A3 é: “Como caracteriza a maioria dos autores dos crimes violentos e graves em Alcabideche?”. Quase a totalidade dos entrevistados, 87,50% refere que a maioria dos autores destes crimes são jovens. Uma pequena parcela dos entrevistados mencionou também que são indivíduos desempregados, de 2ª e 3ª geração de imigrantes e que normalmente não usam armas, preferindo mais a coação física ou psicológica, portanto, normalmente não usam violência muito grave.

Quadro n.º 10 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A3

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A3.1	X	X	X		X	X	X	X	7	87,50
A3.2	X								1	12,50
A3.3	X					X			2	25,00
A3.4				X					1	12,50

4.2.4. Análise da questão A4

Das respostas à questão A4: “De onde provêm os autores destes crimes?”, a maioria, 87,50%, apontam os bairros sociais de Alcabideche como principal fonte da criminalidade violenta e grave. Ainda 62,50% referem que também provêm de bairros sociais de outras zonas e 12,50% afirma não poder saber.

Quadro n.º 11 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A4

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A4.1	X	X	X		X	X	X	X	7	87,50
A4.2		X	X		X		X	X	5	62,50
A4.3				X					1	12,50

4.2.5. Análise da questão A5

A pergunta A5 é: “De que forma costumam atuar os autores destes crimes?”, todos os entrevistados referem que os autores destes crimes atuam em grupo, uma grande parte, 75%, afirma que usam coação física, 62,50% refere que usam arma branca, 50% menciona que usam arma de fogo e 12,50% referencia que usam coação psicológica também. Há que ressaltar que quando os entrevistados referem que usam arma branca e arma de fogo não estão a afirmar que usam sempre estas armas, como mencionou E1: “através da coação física ou da coação psicológica com a ameaça e utilizando armas brancas muitas vezes e algumas vezes até com arma de fogo”. Também 25% dos entrevistados afirmam que os autores utilizam veículos motorizados na realização dos crimes.

Quadro n.º 12 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A5

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A5.1	X								1	12,50
A5.2	X	X	X			X	X	X	6	75,00
A5.3	X		X			X	X	X	5	62,50
A5.4	X		X			X		X	4	50,00
A5.5	X	X	X	X	X	X	X	X	8	100,00
A5.6	X					X			2	25,00

4.2.6. Análise da questão A6

Em relação à questão A6: “Quais são as principais vítimas da criminalidade violenta e grave em Alcabideche e como as caracteriza?”, 62,50% refere que é a comunidade escolar, 50% referencia que são idosos e vítimas em situação vulnerável, 25% afirma que são mulheres e 12,50% aponta também para casos de conflitos precedentes que acabam por provocar crimes violentos e graves.

Quadro n.º 13 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A6

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A6.1	X				X	X	X	X	5	62,50
A6.2	X			X			X	X	4	50,00
A6.3			X						1	12,50
A6.4	X	X	X		X				4	50,00
A6.5				X		X			2	25,00

4.2.7. Análise da questão A7

A questão A7, que é: “Qual a incidência mensal, semanal e em que altura do dia é que ocorrem mais crimes violentos e graves” foi para os entrevistados difícil de responder precisamente. Isto levou a que houvesse dez tipos diferentes de resposta e sem que alguma resposta se tivesse destacado muito. As respostas foram “de dia”, “de noite”, “aos fins-de-semana”, “no verão”, “à hora de almoço nas escolas”, “nos períodos letivos”, “à hora de fecho dos estabelecimentos”, “no Natal”, “sem períodos caracterizáveis” e “à tarde”. Se atentarmos a respostas a questões anteriores em que uma das principais vítimas é a comunidade escolar, faz sentido que esta seja alvo durante o período letivo e à hora de almoço. Assim como quando os alvos são os estabelecimentos também faz sentido que os autores pratiquem roubos à hora de fecho, porque é quando têm mais dinheiro em caixa. E quando os entrevistados dizem de dia ou de tarde podem estar a apontar para os mesmos períodos, igualmente e dependendo da altura do ano, a hora de fecho dos estabelecimentos poderá ser de noite ou de dia.

Seria preciso uma análise mais pormenorizada a autos de notícia/denúncia, ou outros registos, para tentar perceber mais precisamente qual a incidência temporal, o que não foi possível neste trabalho.

Quadro n.º 14 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A7

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A7.1	X					X	X		3	32,50
A7.2			X						1	12,50
A7.3		X	X						2	25,00
A7.4			X						1	12,50
A7.5							X	X	2	25,00
A7.6					X		X	X	3	32,50
A7.7		X			X			X	3	32,50
A7.8					X				1	12,50
A7.9					X		X	X	3	32,50
A7.10				X					1	12,50

4.2.8. Análise da questão A8

A questão A8 pergunta: “Quais os locais, em Alcabideche, que são mais sensíveis a ocorrerem crimes violentos e graves na via pública e onde têm efetivamente ocorrido?”. Metade dos entrevistados responde que acontece principalmente nas imediações do centro comercial, perto ou nas bombas de gasolina, farmácias e estabelecimentos comerciais e um pouco por todo o lado. Dos entrevistados, 25% afirma que acontece nas imediações das escolas, reportando-se porventura quando as vítimas pertencem à comunidade escolar, e por fim, menos expressivamente, 12,50% refere que acontecem nas imediações das zonas comerciais e na zona da Malveira da Serra, por ser a zona mais afastada do SDTer de Alcabideche, contendo nesta localidade uma farmácia e um supermercado que potencia o aparecimento de alguma criminalidade violenta e grave.

Quadro n.º 15 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A8

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A8.1	X		X			X	X		4	50,00
A8.2	X						X		2	25,00
A8.3	X	X		X			X		4	50,00
A8.4			X						1	12,50
A8.5			X		X		X	X	4	50,00
A8.6		X							1	12,50

4.2.9. Análise da questão A9

A questão A9 que pergunta: “Considera que os eventos ou locais que concentram muitas pessoas nesta zona contribuem para um aumento da criminalidade violenta e grave?” foi respondida por 75% dos entrevistados de maneira negativa afirmando que podem aumentar a criminalidade, mas não a violenta e grave. Contudo 25% referenciou que alguns eventos ou locais podem trazer pessoas para Alcabideche que contribuem para o aumento da criminalidade violenta e grave em Alcabideche, mas não necessariamente nesses locais, e 12,50% afirma mesmo que esses crimes ocorrem nos locais onde se concentram muitas pessoas, mas pondo de parte o autódromo, o estádio, o shopping e a discoteca.

Quadro n.º 16 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A9

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A9.1	X		X		X	X	X	X	6	75,00
A9.2		X	X						3	25,00
A9.1				X					1	12,50

4.2.10. Análise da questão A10

A pergunta A10 questiona: “As Zonas Urbanas Sensíveis que existem em Alcabideche constituem um problema para a criminalidade violenta e grave? Se sim de que forma?”. A grande maioria dos entrevistados, 87,50%, referiu que as Zonas Urbanas Sensíveis (ZUS) constituem um problema porque é lá que residem a maior parte dos autores destes crimes. Ainda 32,50 % afirma que as ZUS são um local ótimo para os autores destes crimes prepararem e organizarem os crimes porque se sentem mais à vontade, 25% respondeu que estas ZUS são um problema porque constituem habitações sociais que misturam indivíduos de várias etnias e por fim, E6 mencionou que dificultam a investigação criminal referindo que: “é difícil fazer vigilâncias e seguimentos porque dentro do bairro organizam-se para que se dificulte a ação da GNR”

Quadro n.º 17 -- Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A10

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A10.1	X	X	X	X		X	X	X	7	87,50
A10.2		X	X				X		3	32,50
A10.3						X			1	12,50
A10.4				X	X				2	25,00

4.2.11. Análise da questão A11

Da questão A11: “No patrulhamento diário, quais as preocupações que os militares que patrulham Alcabideche têm de ter para prevenir/reprimir a criminalidade violenta e grave?”, 62,50% dos entrevistados respondeu que deve ser feito um patrulhamento visível. E1 menciona os “reforços das FIR semanalmente” e os “meios cinotécnicos” introduzidos mais recentemente. Ainda 32,50 % dos entrevistados referencia também as preocupações que se deve ter nos períodos mais sensíveis e na passagem necessária pelas ZUS para mostrar a presença da GNR. Como mencionou E2: “patrulha motorizada tinha que passar sempre pelos bairros para marcar presença, fiscalizar e causar instabilidade”, “As patrulhas apeadas tinham a preocupação de estar nos locais onde ocorriam mais crimes”. Neste

seguimento surge a necessidade de fazer buscas e fiscalizações para mostrar a presença policial, respondida por 25% dos entrevistados.

A mesma percentagem afirmou que se deve apostar na formação dos militares principalmente na abordagem a indivíduos. E3 menciona: “a atuação e a postura dos militares para com a população deve ser adequada pois muitos problemas, como a coação a funcionário acontecem exatamente por situações que não foram bem controladas no início” daí esta necessidade de reforço nesta parte da formação.

Quadro n.º 18 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A11

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A11.1	X	X		X	X			X	5	62,50
A11.2	X	X	X						3	32,50
A11.3	X	X		X					3	32,50
A11.4	X								1	12,50
A11.5	X		X						2	25,00
A11.6						X	X		2	25,00

4.2.12. Análise da questão A12

A última questão feita ao grupo A foi então: “Quais são as maiores dificuldades sentidas pelos militares que patrulham Alcabideche na prevenção e repressão dos crimes violentos e graves?”. 62,50% dos entrevistados apontou a falta de efetivo, meios ou equipamento como principal dificuldade na prevenção e repressão da criminalidade violenta e grave. 32,50% refere que não há dificuldade na atuação ou em entrar nas ZUS, mencionando E1: “arquitetonicamente em comparação com outros bairros de Sintra, Cascais e até Almada não têm muitas deficiências urbanísticas que dificultem a atuação policial”. Dos entrevistados, 25% afirma ainda que a dificuldade passa por recolher informação dentro dos bairros, referindo E1: “A dificuldade é ter a informação do que se passa dentro do bairro”. Por último E7 respondeu que a dificuldade consiste na falta de segurança em algumas atuações, e se formos atentar ao que E4 afirmou: “No patrulhamento diário não existem dificuldades, poderão existir dificuldades se houver necessidade de intervenção numa situação que envolva um elevado número de elementos”,

podemos ver que ambas as intervenções se relacionam quando se referem a situações que ultrapassem a situação normal.

Quadro n.º 19 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão A12

Segmentos	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	Frequência (n)	Percentagem (%)
A12.1	X	X	X		X			X	5	62,50
A12.2	X					X			2	25,00
A12.3	X								1	12,50
A12.4							X		1	12,50
A12.5	X			X				X	3	32,50

4.3. Análise das entrevistas do grupo B

A partir daqui analisa-se as restantes entrevistas, que correspondem ao grupo B, constituído então pelos entrevistados E9, E10, E11, E12, E13, E14 e E15. A par do grupo A, as ideias-chave assim como os códigos correspondentes aos segmentos identificados podem ser vistos no quadro n.º 31, no apêndice D. E também no final de cada subcapítulo encontra-se um quadro com os segmentos identificados, sua frequência e percentagem.

4.3.1. Análise da questão B1

A pergunta B1 é: “O que contribui para que haja uma taxa de criminalidade violenta e grave relativamente baixa em Merceana?”. A totalidade dos entrevistados respondeu que o que contribui para a relativa baixa taxa de criminalidade violenta e grave é o facto de a zona correspondente ser predominantemente rural e ter baixa densidade populacional. Ora, esse facto já era conhecido e todos os entrevistados confirmam.

Um dado que foi referido por 42,86% dos entrevistados foi de que isto está relacionado com o isolamento da área referindo-se aos acessos à mesma. Como menciona E9: “local pequeno e isolado com apenas a N9 como principal acesso” e E15: “pontos de fuga lentos, sensivelmente 10 a 15 Km da AE mais próxima”.

Alguns entrevistados referem ainda que se deve à baixa atividade económica da zona que é essencialmente rural, ao facto de haver poucos jovens e a maior parte dos residentes ser de meia-idade para cima e também de que o policiamento de proximidade que é feito é eficaz para que não se verifique este tipo de criminalidade.

Quadro n.º 20 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B1

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B1.1	X		X				X	3	42,86
B1.2	X						X	2	28,57
B1.3	X							1	14,29
B1.4	X	X	X	X	X	X	X	7	100
B1.5				X			X	2	28,57

4.3.2. Análise da questão B2

A pergunta B2 é: “Como caracteriza a maioria dos autores dos crimes violentos e graves em Merceana?”. Dos entrevistados, 42,86% afirmaram que é praticado por pessoas de algumas minorias étnicas. A mesma percentagem menciona que são pessoas que se dedicam ou que costumam praticar este tipo de crimes, isto porque se referiam aos roubos, principalmente roubos por esticção. Já se atentarmos ao que E9 refere: “são pessoas de meia-idade para cima, com baixo rendimento económico” aqui referia-se ao crime mais violento, homicídio voluntário consumado, e também a resistência e coação sobre funcionário, este último, o crime mais registado entre 2010 e 2015 em Merceana.

Quadro n.º 21 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B2

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B2.1				X	X		X	3	42,86
B2.2		X			X	X		3	42,86
B2.3				X				1	14,29
B2.4	X				X			2	28,57
B2.5	X							1	14,29

B2.6			X					1	14,29
------	--	--	---	--	--	--	--	---	-------

4.3.3. Análise da questão B3

Quanto à questão B3: “De onde provêm os autores destes crimes?”, 71,43% dos entrevistados referiram que provêm de vários locais da região Oeste, principalmente Torres Vedras, 57,14% afirmaram que vêm da região da Grande Lisboa, principalmente dos arredores de Lisboa e apenas um entrevistado refere que os autores são locais, este referindo-se ao crime de homicídio voluntário consumado, principalmente.

Quadro n.º 22 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B3

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B3.1	X							1	14,29
B3.2		X	X		X		X	4	57,14
B3.3		X	X	X		X	X	5	71,43

4.3.4. Análise da questão B4

Da pergunta B4: “De que forma costumam atuar os autores destes crimes?”, retira-se que 42,86% dos entrevistados indicam que os autores destes crimes costumam utilizar viaturas, atuam em grupo e aproveitam uma oportunidade para efectuarem os crimes. Há que ter em conta que os entrevistados quando o referenciam têm em mente os crimes de roubo, nas suas diversas formas.

E12 referiu que: “A coação normalmente surge de pessoas embriagadas” daí que o número de crimes relativos a resistência e coação sobre funcionários estejam relacionados com pessoas embriagadas que residem ou normalmente frequentam locais na área de Merceana.

Quadro n.º 23 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B4

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B4.1	X				X		X	3	42,86
B4.2				X				1	14,29
B4.3		X	X		X			3	42,86
B4.4			X		X	X		3	42,86

4.3.5. Análise da questão B5

Nesta questão: “Quais são as principais vítimas da criminalidade violenta e grave em Merceana e como as caracteriza?”, todos os entrevistados referiram que as principais vítimas são os idosos. Isto porque a população da área é mais envelhecida e também são as vítimas mais vulneráveis, não se precavendo ao ostentarem peças de ouro diariamente e também não estão sensibilizadas para este tipo de crimes violentos e graves como os roubos.

Quadro n.º 24 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B5

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B5.1	X	X	X	X	X	X	X	7	100

4.3.6. Análise da questão B6

A questão B6 que é: “Qual a incidência mensal, semanal e em que altura do dia é que ocorrem mais crimes violentos e graves?” foi, para os entrevistados, bastante difícil de responder, tendo 85,71% referido mesmo que não é possível caracterizar. Ainda assim 28,57% dos entrevistados refere que acontecem de dia e 14,29% menciona que no inverno ocorrem menos crimes violentos e graves.

Quadro n.º 25 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B6

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B6.1	X		X					2	28,57
B6.2		X	X	X	X	X	X	6	85,71
B6.3			X					1	14,29

4.3.7. Análise da questão B7

A questão B7 pergunta: “Quais os locais, em Merceana, que são mais sensíveis a ocorrerem crimes violentos e graves na via pública e onde têm efetivamente ocorrido?”.

Dos entrevistados, 57,14% indica que este tipo de criminalidade acontece nas zonas mais isoladas porque é mais fácil para os criminosos praticarem o crime e passarem impunes. 42,86% refere que são junto das estradas principais porque são locais de passagem e E11 refere que: “Os correios eram alvos devido a poupanças reforma mas agora os correios deixaram de existir passando a haver parcerias com as juntas de freguesia” aqui o entrevistado refere-se aos roubos.

Quadro n.º 26 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B7

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B7.1	X			X		X	X	4	57,14
B7.2		X	X		X			3	42,86
B7.3			X					1	14,29

4.3.8. Análise da questão B8

Quando perguntado: “No patrulhamento diário, quais as preocupações que os militares que patrulham Merceana têm de ter para prevenir/reprimir a criminalidade violenta e grave?” 85,71% dos entrevistados indicam que é necessário um patrulhamento de proximidade ou de visibilidade de modo a mostrar a presença em toda a área e para sensibilizar a população a proteger-se da criminalidade violenta e grave de modo a não

serem vítimas. 28,57% afirma ainda que se deve obter informações junto da população para referenciar pessoas estranhas que possam ser possíveis autores desta criminalidade violenta e grave e E10 menciona que se deve “efetuar com regularidade fiscalizações rodoviárias nas principais vias” para que também se possam identificar possíveis autores da criminalidade em causa.

Quadro n.º 27 - Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B8

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B8.1	X		X	X	X	X	X	6	85,71
B8.2		X	X					2	28,57
B8.3		X						1	14,29

4.3.9. Análise da questão B9

Quanto à pergunta B9, que é: “Quais são as maiores dificuldades sentidas pelos militares que patrulham Merceana na prevenção e repressão dos crimes violentos e graves?”, 71,43% dos entrevistados indicam a falta de efetivo ou material como dificuldade em prevenir ou reprimir a criminalidade violenta e grave na área, compreendendo que é uma dificuldade sentida em toda a Guarda. 42,86% dos entrevistados referenciam também a grande dificuldade que se nota no PTer de Merceana, que é a fraca rede SIRESP, tornando-a praticamente inútil, fazendo com que percam muitas comunicações e tendo de recorrer a outros meios, como por exemplo os telemóveis pessoais dos militares.

Dos entrevistados, 28,57 % mencionam também que as vítimas desta criminalidade não dão muitas informações acerca dos autores porque são pessoas idosas e não têm muito conhecimento. Nomeadamente, E10 refere a “reduzida capacidade das vítimas para os descrever pormenorizadamente e os veículos automóveis por estes utilizados” E13 afirma também: “a falar dos carros, dizem que é um carro preto pequenino, não dão uma indicação de um Peugeot 206 preto que até tinha na matrícula as letras X, é uma dificuldade acrescida”. Já E10 refere que o facto de os autores cometerem os crimes e

depressa fugirem representa uma dificuldade para que se possa reprimir a criminalidade violenta e grave.

Quadro nº 28 – Frequência e percentagem dos segmentos identificados nas respostas à questão B8

Segmentos	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15	Frequência (n)	Percentagem (%)
B9.1	X		X	X		X	X	5	71,43
B9.2		X			X			2	28,57
B9.3		X						1	14,29
B9.4			X	X			X	3	42,86

CONCLUSÃO

Por forma a concluir este trabalho começaremos por responder às questões derivadas para que de seguida se responda à questão central.

Respondendo à primeira questão derivada: “Qual a diferença na taxa de criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”, podemos verificar que, como seria de esperar, em Alcabideche existe um número maior de crimes violentos e graves do que em Merceana. A taxa de criminalidade violenta e grave é bastante superior em Alcabideche do que em Merceana, ou seja, por cada 10.000 habitantes residentes em Alcabideche são registados mais crimes violentos e graves do que para a mesma quantidade de habitantes residentes em Merceana. Isto não quer dizer que quem pratica ou é vítima destes crimes sejam na totalidade as pessoas residentes, é um mero indicador.

Em relação à segunda questão derivada: “Qual a diferença no perfil dos autores dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”, constata-se que em ambos os locais os autores destes crimes são geralmente jovens.

Em Merceana, se estivermos a falar de resistência e coação sobre funcionário, os autores já se diferenciam por ser mais velhos e os casos são usualmente perpetrados por pessoas embriagadas. Quanto ao único caso de homicídio que ocorreu neste período em Merceana, tratou-se de uma disputa familiar por causa de partilha de terrenos, em que foi usada uma arma de fogo. Os roubos são perpetrados por pessoas que vêm de fora, principalmente de minorias étnicas, vindos da zona de Torres Vedras ou arredores de Lisboa, que ocasionalmente passam pelas vias principais da zona de ação e aproveitam a fragilidade e o isolamento de algumas pessoas e, por oportunidade, executam os roubos, sendo acontecimentos que não têm muita frequência.

Já em Alcabideche, a maior parte dos crimes violentos e graves têm origem, principalmente em membros das zonas urbanas sensíveis de Alcabideche, seguindo-se de membros de zonas urbanas sensíveis de outras áreas perto de Alcabideche, dentro da região de Lisboa, que vai desde a região da Grande Lisboa até inclusive à Península de Setúbal.

Caracterizando-se também por serem indivíduos pertencentes a famílias desestruturadas, de segunda e terceira geração de imigrantes.

Respondendo agora à terceira questão derivada: “Qual a diferença no perfil das vítimas dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”, podemos ver que em Merceana a maior parte das vítimas são os idosos, também porque a maioria dos habitantes da zona de Merceana são pessoas de idade avançada. Estas pessoas costumam ser alvo desta violência enquanto se deslocam perto das principais vias e quando se encontram sozinhas. No que toca a Alcabideche, para além dos idosos, porque são pessoas em situação vulnerável, também a comunidade escolar é um alvo bastante apetecível para os autores da criminalidade violenta e grave. Os locais onde são mais praticados passam pelas zonas onde circulam mais bens, assim como na Malveira da Serra, que é o local mais isolado da zona de ação do SDTer de Alcabideche.

Quanto à quarta questão derivada: “Qual a diferença no modo de atuação dos autores dos crimes violentos e graves entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”, em ambos os locais os autores atuam quase sempre em grupo. Na Merceana os autores dos crimes de roubo são indivíduos que estão de passagem e aproveitam a vulnerabilidade das pessoas para realizarem o crime. Nos crimes de coação e resistência sobre funcionário são pessoas que se encontram normalmente embriagadas e confrontam a GNR. Em Alcabideche os autores dos crimes atuam, na maior parte das vezes através da simples coação física, em alguns casos com recurso a uma arma branca e em raras ocasiões usam arma de fogo.

A última questão derivada é: “Qual a diferença na atuação da GNR entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche para a criminalidade violenta e grave?”. Tanto em Merceana como em Alcabideche foi bastante apontada a falta de efetivo e também a falta de meios/material. Neste último caso com mais ênfase no PTer de Merceana. Esta falta de meios/material é compreensível que seja mais sentida no PTer de Merceana pois como é um Posto mais pequeno e logo à partida, com menos meios no total, a avaria, por exemplo de uma viatura, é logo um grande entrave à atuação. Quanto ao patrulhamento, como o PTer de Merceana está inserido num meio mais pequeno e envelhecido, as principais orientações são para um patrulhamento de proximidade de modo a sensibilizar a população a proteger-se e também a obter

informações sobre indivíduos estranhos ao local. Outra vertente do patrulhamento passa também por transpor visibilidade a todos os locais, inclusivamente os mais isolados.

Já a realidade de Alcabideche é diferente, partilha do mesmo modo, a necessidade de um patrulhamento visível, mas neste caso, mais direcionado para os bairros sociais mais problemáticos da zona de ação do SDTer de Alcabideche, assim como a existência de patrulhas apeadas nos locais mais sensíveis a ocorrerem crimes violentos e graves, como roubos. Para além disto existem Forças de Intervenção Rápida que ocasionalmente o patrulhamento bem como, mais recentemente, patrulhamento cinotécnico.

Tendo respondido às questões derivadas encontramos-nos então com condições de responder à questão central: **“Qual a diferença na criminalidade violenta e grave entre a área do Posto Territorial de Merceana e a área do Subdestacamento Territorial de Alcabideche entre 2010 e 2015?”**.

Vemos logo que a incidência de criminalidade violenta e grave de Alcabideche é bem superior à de Merceana. Isto deve-se principalmente ao facto de existirem em Alcabideche e áreas envolventes algumas habitações sociais que constituem zonas urbanas sensíveis e são a principal fonte da criminalidade violenta e grave. Esta criminalidade não acontece propriamente nestes locais, mas é onde residem ou permanecem a maior parte dos autores destes crimes. Em Merceana, ainda assim vão havendo alguns crimes violentos e graves mas deve-se sobretudo ao facto de a população ser envelhecida e constituírem vítimas mais vulneráveis.

Como muitas ocorrências de criminalidade violenta e grave são perpetradas por indivíduos que provêm das zonas urbanas sensíveis referidas anteriormente, o patrulhamento é bastante orientado para lá. Com um policiamento de visibilidade aumenta-se a probabilidade de se inibir possíveis autores de crimes violentos e graves de os praticar por se mostrar que há presença policial.

O que se retira deste estudo é que a urbanização traz consigo a criação de algumas habitações sociais, organizadas em bairros, que aglomeram muitas pessoas de famílias desestruturadas e muitas delas com antecedentes não só de crimes violentos e graves mas também dos restantes crimes e contraordenações, ficando estas pessoas concentradas num local, que são estes bairros.

Confirma-se, através da amostra deste estudo, que a maior incidência de criminalidade violenta e grave é registada nas áreas mais urbanizadas e que a origem é, em

grande parte, dos bairros sociais identificados como zonas urbanas sensíveis, sejam estes do local ou da sua periferia.

Não foi possível obter, através dos inquéritos por entrevista, dados concretos relativos à incidência temporal dos crimes violentos e graves nas duas zonas, seria preciso analisar todos os autos de notícia e de denúncia, assim como outros registos, o que pode ser feito noutra estudo.

Em futuras investigações seria pertinente estudar também outras áreas urbanas, da área metropolitana do Porto, de outras cidades mais afastadas destes dois centros metropolitanos e também em áreas urbanizadas em que não hajam zonas urbanas sensíveis, para perceber se existem outras causas que levem à existência ou não de criminalidade violenta e grave nesses locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, A. C. (2008). *Em busca de uma sociologia da polícia*. Lisboa: Revista da Guarda Nacional Republicana.
- Alves, A. C. (2010). *Introdução à segurança*. Lisboa: Revista da Guarda Nacional Republicana.
- Alves, A. C. (2011). *Contributos para uma sociologia da polícia*. Lisboa: Revista da Guarda Nacional Republicana.
- American Psychological Association [APA]. (2016). *Violence*. Obtido em 23 de março de 2016, de American Psychological Association: <http://apa.org/topics/violence/index.aspx>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2015). *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima*. Obtido em 12 de abril de 2016, de APAV: http://www.apav.pt/apav_v3/index.php/pt/
- Assembleia da República [AR]. (2007). Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro: Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 213, 8043-8051.
- Assembleia da República [AR]. (2009). Lei n.º 38/2009 de 20 de julho: Lei de Política Criminal para o biénio 2009-2011. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 138, 4533-4541.
- Assembleia da República [AR]. (2012). Lei n.º 22/2012 de 30 de maio: Aprova o regime de reorganização administrativa territorial autárquica. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 105, 2826 - 2836.

- Comissão Europeia. (2014). REGULAMENTO (UE) n.º 868/2014 da Comissão: altera os anexos do Regulamento (CE) n.º 1059/2003 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à instituição de uma Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas (NUTS). *Jornal Oficial da União Europeia*, L 241/1 - 54.
- Conselho Superior de Estatística. (2010). Deliberação n.º 290/2010: 12.ª Deliberação da Secção Permanente de Coordenação Estatística. *Diário da República*, 2ª Série, n.º 25, 5604.
- Conselho Superior de Estatística. (2014). Deliberação n.º 1494/2014: 39ª Deliberação da Secção Permanente de Coordenação Estatística. *Diário da República*, 2ª Série, n.º 144, 19340.
- Costa, P. (1993). *Cidades e urbanização em Portugal: uma sociologia, geografia ou economia urbanas?* Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Cruz, M. (2016). *Proatividade policial explica subida da criminalidade em 2015*. Obtido em 10 de maio de 2016, de Expresso: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-03-11-Proatividade-policial-explica-subida-da-criminalidade-em-2015>
- Dias, J. d., & Andrade, M. d. (2013). *Criminologia. O homem delincente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Esteves, A. I. (1999). *A criminalidade na cidade de Lisboa. Uma Geografia de insegurança*. Lisboa: Edições Colibri.
- Feres, F. (2006). *Desigualdade Regional, Migração e Urbanização: três ensaios sobre o desenvolvimento*. Tese apresentada ao Curso de Doutoramento em Economia do Centro de Desenvolvimento e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Económicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

- Ferreira, E. V. (1998). *Crime e Insegurança em Portugal: Padrões e Tendência, 1985-1996*. Oeiras: Celta Editora.
- Freixo, M. J. (2012). *Metodologia Científica*. (4ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Freyre, G. (1982). *Rurbanização: Que é?* Recife: Massangana.
- Froehlich, J. M. (2000). *Scielo*. Obtido em 11 de abril de 2016, de Scielo: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito*. Oeiras: Celta Editora.
- Google. (2016). *Google Maps*. Obtido em abril de 2016, de <https://www.google.pt/maps>
- Infraestruturas de Portugal. (2016). *Infraestruturas de Portugal*. Obtido em abril de 2016, de <http://www.infraestruturasdeportugal.pt/>
- Instituto Nacional de Estatística. (2014). *Divisão Administrativa*. Obtido em 31 de março de 2016, de Instituto Nacional de Estatística: INE
- Instituto Nacional de Estatística. (n/a). *Dados Estatísticos*. Obtido em 31 de março de 2016, de Instituto Nacional de Estatística: INE
- Kelling, G. L., & Willson, J. Q. (1982). *Broken Windows*. Obtido em 12 de abril de 2016, de The Atlantic: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/304465/>
- Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança*. Lisboa: Notícias Editorial.
- Mannheim, H. (1984). *Criminologia Comparada* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Mannheim, H. (1985). *Criminologia Comparada* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. d. (2009). *Campos de Coimbra. Do rural ao urbano*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Matos, H. (agosto de 2014). *Os retornados começaram a chegar há 40 anos*. Obtido em 12 de maio de 2016, de Observador: <http://observador.pt/especiais/os-retornados-comecaram-chegar-ha-40-anos/>
- Ministério da Administração Interna. (2008). Portaria n.º 1450/2008 de 16 de dezembro: Organização interna das subunidades da Guarda. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 242, 8845-8854.
- Ministério da Justiça [MJ]. (1987). Decreto de Lei n.º 78/87 de 17 de fevereiro: Código do Processo Penal. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 40, 617 - 699.
- Moser, C. O. (2004). Urban Violence and Insecurity: An Introductory Roadmap. *Environment & Urbanization*, 16 (2), pp. 3-16.
- Neves, A. V. (2012). A criminalidade de rua e o contexto. *Sociedade, Crises e Reconfigurações. Atas do VII Congresso Português de Sociologia*, (pp. 2-17). Porto.
- ONU. (2014). *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision Highlights*. Nova Iorque.
- Porto Editora. (2003 - 2016). *Urbano*. Obtido em 23 de março de 2016, de Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico: www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/urbano
- Porto Editora. (2003-2016). *Violência*. Obtido em 23 de março de 2016, de Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico: [www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/violência](http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/violencia)

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

Sistema de Segurança Interna. (2007-2015). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Lisboa.

Sistema de Segurança Interna. (2015). *Relatório Anual de Segurança Interna [RASI]*. Obtido em 1 de abril de 2016, de Governo da República Portuguesa: <http://www.portugal.gov.pt/pt/pm/documentos/20160331-pm-rasi.aspx>

Teixeira, M. C. (1992). As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940. *Análise Social*, XXVII (115), pp. 65-89.

World Health Association. (2016). *Violence*. Obtido em 23 de março de 2016, de World Health Association: <http://www.who.int/topics/violence/en/>

APÊNDICES

Apêndice A – Perguntas-guia do grupo A

A1. O que contribui para que haja uma taxa de criminalidade violenta e grave relativamente alta em Alcabideche?

A2. Na sua opinião, de que maneira a urbanização de Alcabideche e áreas envolventes potencia os crimes violentos e graves?

A3. Como caracteriza a maioria dos autores dos crimes violentos e graves em Alcabideche?

A4. De onde provêm os autores destes crimes?

A5. De que forma costumam atuar os autores destes crimes?

A6. Quais são as principais vítimas da criminalidade violenta e grave em Alcabideche e como as caracteriza?

A7. Qual a incidência mensal, semanal e em que altura do dia é que ocorrem mais crimes violentos e graves?

A8. Quais os locais, em Alcabideche, que são mais sensíveis a ocorrerem crimes violentos e graves na via pública e onde têm efetivamente ocorrido?

A9. Considera que os eventos ou locais que concentram muitas pessoas nesta zona contribuem para um aumento da criminalidade violenta e grave?

A10. As Zonas Urbanas Sensíveis que existem em Alcabideche constituem um problema para a criminalidade violenta e grave? Se sim de que forma?

A11. No patrulhamento diário, quais as preocupações que os militares que patrulham Alcabideche têm de ter para prevenir/reprimir a criminalidade violenta e grave?

A12. Quais são as maiores dificuldades sentidas pelos militares que patrulham Alcabideche na prevenção e repressão dos crimes violentos e graves?

Apêndice B – Perguntas-guia do grupo B

B1. O que contribui para que haja uma taxa de criminalidade violenta e grave relativamente baixa em Merceana?

B2. Como caracteriza a maioria dos autores dos crimes violentos e graves em Merceana?

B3. De onde provêm os autores destes crimes?

B4. De que forma costumam atuar os autores destes crimes?

B5. Quais são as principais vítimas da criminalidade violenta e grave em Merceana e como as caracteriza?

B6. Qual a incidência mensal, semanal e em que altura do dia é que ocorrem mais crimes violentos e graves?

B7. Quais os locais, em Merceana, que são mais sensíveis a ocorrerem crimes violentos e graves na via pública e onde têm efetivamente ocorrido?

B8. No patrulhamento diário, quais as preocupações que os militares que patrulham Merceana têm de ter para prevenir/reprimir a criminalidade violenta e grave?

B9. Quais são as maiores dificuldades sentidas pelos militares que patrulham Merceana na prevenção e repressão dos crimes violentos e graves?

Apêndice C – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta

Quadro n.º 29 – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta para o grupo A

Questão A1	
Segmento A1.1	A presença das ZUS
Segmento A1.2	A facilidade nos acessos
Segmento A1.3	A presença de zonas comerciais, zonas empresárias, Hospital de Cascais, Cascais Shopping
Segmento A1.4	Mistura de indivíduos das ZUS com a classe média/alta
Segmento A1.5	Falta de ocupação profissional/educacional
Segmento A1.6	Condições precárias
Questão A2	
Segmento A2.1	Grande concentração de pessoas que possam-se dedicar ao crime
Segmento A2.2	Mistura de nacionalidades/etnias
Segmento A2.3	Proximidade com outras áreas urbanas
Questão A3	
Segmento A3.1	Indivíduos jovens
Segmento A3.2	De 2ª e 3ª geração de imigrantes
Segmento A3.3	Desempregados
Questão A4	
Segmento A4.1	Dos bairros sociais de Alcabideche
Segmento A4.2	De outros bairros sociais
Segmento A4.3	Não é possível saber
Questão A5	
Segmento A5.1	Coação psicológica
Segmento A5.2	Coação física
Segmento A5.3	Arma branca
Segmento A5.4	Arma de fogo
Segmento A5.5	Em grupo
Segmento A5.6	Utilizando veículo motorizado
Questão A6	
Segmento A6.1	Comunidade escolar
Segmento A6.2	Idosos
Segmento A6.3	Com conflitos precedentes
Segmento A6.4	Em situação vulnerável
Segmento A6.5	Mulheres
Questão A7	
Segmento A7.1	Dia
Segmento A7.2	Noite
Segmento A7.3	Fins de semana
Segmento A7.4	Verão
Segmento A7.5	Hora de almoço nas escolas

Segmento A7.6	Períodos letivos
Segmento A7.7	Hora de fecho dos estabelecimentos
Segmento A7.8	No Natal
Segmento A7.9	Sem períodos caracterizáveis
Segmento A7.10	À tarde
Questão A8	
Segmento A8.1	Imediações do Centro Comercial
Segmento A8.2	Imediações das escolas
Segmento A8.3	Estabelecimentos comerciais/bombas de gasolina/farmácias
Segmento A8.4	Imediações das zonas residenciais
Segmento A8.5	Um pouco por todo o lado
Segmento A8.6	Zona isolada de Malveira da Serra
Questão A9	
Segmento A9.1	Não. Eventos e locais que concentrem muitas pessoas ocasionalmente não contribuem para um aumento da criminalidade violenta e grave.
Segmento A9.2	Eventos e locais trazem pessoas que podem cometer esses crimes mas não necessariamente nesses locais.
Segmento A9.3	Sim, os crimes violentos e graves na via pública ocorrem nos locais com maior número de pessoas.
Questão A10	
Segmento A10.1	Sim, porque residem lá a maior parte dos autores destes crimes.
Segmento A10.2	Sim, porque preparam e planeiam lá alguns destes crimes.
Segmento A10.3	Sim, porque dificultam a ação policial ou de investigação criminal.
Segmento A10.4	Sim, porque constituem habitações sociais que misturam pessoas de várias etnias.
Questão A11	
Segmento A11.1	Patrulhamento visível .
Segmento A11.2	Preocupação com os períodos mais sensíveis.
Segmento A11.3	Patrulhamento direccionado para as ZUS.
Segmento A11.4	Intensificação do patrulhamento.
Segmento A11.5	Melhorar a formação na abordagem a indivíduos.
Segmento A11.6	Deve-se efetuar buscas e fiscalizações para mostrar a presença policial.
Questão A12	
Segmento A12.1	Falta de efetivo, meios e equipamento que possam melhorar o apoio às patrulhas.
Segmento A12.2	Recolha de informação dentro do bairro.
Segmento A12.3	Falta de formação inicial para abordagem a indivíduos suspeitos.
Segmento A12.4	Falta de segurança.
Segmento A12.5	Não há dificuldade em entrar nas ZUS.

Fonte: elaboração própria

Quadro n.º 30 – Codificação alfanumérica dos segmentos de resposta para o grupo B

Questão B1	
Segmento B1.1	Zona isolada (poucos acessos).
Segmento B1.2	Baixa atividade económica.
Segmento B1.3	Poucos jovens e muitas pessoas de meia idade para cima.
Segmento B1.4	Baixa densidade populacional, zona rural.
Segmento B1.5	O policiamento de proximidade é eficaz.
Questão B2	
Segmento B2.1	Pessoas de minorias étnicas.
Segmento B2.2	Pessoas com o propósito de praticar estes crimes.
Segmento B2.3	Imigrantes de leste
Segmento B2.4	Pessoas a partir da meia idade com conflitos.
Segmento B2.5	Pessoas com baixo rendimento
Segmento B2.6	Jovens
Questão B3	
Segmento B3.1	São locais.
Segmento B3.2	Grande Lisboa.
Segmento B3.3	Região Oeste.
Questão B4	
Segmento B4.1	Por oportunidade ou ocasional.
Segmento B4.2	Pessoas embriagadas.
Segmento B4.3	Utilizando viaturas.
Segmento B4.4	Em grupo.
Questão B5	
Segmento 5.1	Idosos.
Questão 6	
Segmento B6.1	De dia.
Segmento B6.2	Incaracterizável.
Segmento B6.3	No Inverno é mais calmo.
Questão B7	
Segmento B7.1	Locais mais isolados.
Segmento B7.2	Junto às estradas principais.
Segmento B7.3	Correios.
Questão B8	
Segmento B8.1	Patrulhamento de proximidade/visível.
Segmento B8.2	Recolher informações.
Segmento B8.3	Efetuar fiscalizações.
Questão B9	
Segmento B9.1	Pouco efetivo/material.
Segmento B9.2	Vítimas dão poucas informações.
Segmento B9.3	Autores fogem rapidamente.
Segmento B9.4	Fraca rede SIRESP

Fonte: elaboração própria

Apêndice D – Ideias-chave e segmentos identificados nas respostas

Quadro n.º 31 – Ideias-chave e segmentos identificados nas respostas

E1		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“tem a ver com as ZUS, tem vários eixos rodoviários com um grande fluxo de trânsito, nomeadamente a A16, a A5 e a EN9”; “tem na sua área grandes zonas comerciais, zonas empresarias, hospital de cascais, cascais shopping, tem zonas de classe média/alta” “mistura de indivíduos das ZUS com a classe média/alta”	A1.1; A1.2; A1.3; A1.4.
2	“proliferação das ZUS e a ocupação e grande concentração de pessoas, que muitas delas se dedicam ao crime e que têm exemplo de muitos familiares que já o foram, a mistura de várias nacionalidades”	A2.1; A2.2.
3	“entre os 18 e 25 anos, em que não tem nenhuma ocupação profissional, muitos deles a viverem sozinhos, em casas de amigos, ou de familiares, a maioria já são portugueses (2ª e 3ª gerações)”	A3.1; A3.2; A3.3.
4	“Dos 3 bairros com maior incidência no Bairro da Cruz Vermelha”	A4.1.
5	“através da coação física ou da coação psicológica com a ameaça e utilizando armas brancas muitas vezes e algumas vezes até com arma de fogo, atuação em grupo (3/4 indivíduos) sempre se deslocando por veículo motorizado”	A5.1; A5.2 A5.3; A5.4 A5.5; A5.6
6	“Comunidade escolar (entre os 13 e 18 anos) e idosos na via pública em que o alvo é o dinheiro e objetos em ouro”	A6.1; A6.2.
7	“Roubos durante o dia”	A7.1.
8	“imediações das escolas ou nos percursos das escolas”; imediações do Cascais Shopping; “são as bombas de gasolina, as farmácias, que é transversal à guarda/polícia”	A8.1; A8.2; A8.3.
9	“Não diretamente”	A9.1.
10	“Está diretamente relacionada, não dentro mas no exterior”	A10.1.
11	“reforços das FIR semanalmente”; “meios cinotécnicos” “Os programas especiais reforçam o fecho das escolas”; “Patrulhamento tem prioridade nas ZUS”; “Preocupações, é na abordagem, na formação”	A11.1; A11.2; A11.3; A11.4 A11.5.
12	“em termos de meios motorizados, equipamento disponibilizado”; “A dificuldade é ter a informação do que se passa dentro do bairro; “arquiteticamente em comparação com outros bairros de Sintra, Cascais e até Almada não têm muitas deficiências urbanísticas que dificultem a atuação policial”	A12.1; A12.2; A12.3; A12.5.
E2		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Alcabideche tem dos piores bairros sociais de Cascais”; “Assim como boas vias de comunicação (A5 e A16) e outras vias internas”	A1.1; A1.2.
2	“o que faz com que muita gente dos bairros complicados de S. Domingos de Rana e do Bairro da Torre em Cascais facilmente vão à área de	A2.3.

	Alcabideche”	
3	“Na ordem dos 20 aos 30 anos”	A3.1.
4	“de alguns bairros sociais” “Alguns vinham da Margem Sul, e havia também as redes de leste que andavam por todo o país e Alcabideche não era exceção”	A4.1; A4.2.
5	“Usavam muito a coação física” “o uso da arma de fogo não era muito usual” “muitos poucos faziam sozinhos mas atuavam mais facilmente em grupo”	A5.2; A5.5.
6	“As mais vulneráveis ou que se descuidassem mais e mostrassem mais os seus valores”	A6.4.
7	“Ao final da tarde era quando se passava mais e mais para o fim de semana (bombas de gasolina, cafés, farmácias”	A7.3; A7.7.
8	“A farmácia e o supermercado na zona de Malveira da serra” “casa de apostas à sexta e à terça no largo de Manique” “em Alvide por ter bastante comércio”	A8.3; A8.6.
9	“A discoteca atrai pessoas mais propícias a cometer crimes”	A9.2.
10	“Sim, são uma grande fonte de recrutamento para grupos criminosos. Albergam os grupos e até dão alojamento a outros que se encontram fugidos de outras zonas (Mem Martins) e vice-versa”	A10.1; A10.2.
11	“patrulha motorizada tinha que passar sempre pelos bairros para marcar presença, fiscalizar e causar instabilidade” “As patrulhas apeadas tinham a preocupação de estar nos locais onde ocorriam mais crimes”	A11.1; A11.2; A11.3.
12	“Escassez de pessoal” “Por vezes a falta de alguns meios auto dificultavam a colocação das patrulhas apeadas”	A12.1.
E3		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“alguns bairros sociais”; “depois há o comércio”; “muito fluxo populacional”	A1.1; A1.2; A1.3.
2	“A decisão de se juntar e criar habitações sociais para famílias que normalmente são desestruturadas”	A2.1.
3	“vai desde os 16 até aos 28/30 anos”	A3.1.
4	“vir de outros bairros sociais de Sintra”; “Mas a maior parte são dos bairros sociais de Alcabideche”	A4.1; A4.2.
5	“é efetuado por grupos” “Noutros crimes acontecem por outros motivos, relacionados com problemas por resolver e a posse de armas brancas ou outro tipo de armas aumenta a violência”	A5.2; A5.3; A5.4; A5.5.
6	“vulnerabilidade que as vítimas apresentam”; “O resto está associado a situações em que há conflitos entre eles e acaba em violência física”	A6.3; A6.4.
7	“a partir de quinta feira até ao fim de semana”; “as pessoas estão mais vulneráveis à noite”; “Em relação ao ano é no verão”	A7.2; A7.3; A7.4.
8	“Ao pé das áreas residências, ao pé das zonas comerciais como o Cascais Shopping e um pouco espalhados na via pública”	A8.1; A8.4; A8.5.
9	“Não. Pode acontecer é existirem eventos que pelo tipo de pessoas que trás podem aumentar a criminalidade violenta e grave na área”	A9.1; A9.2
10	“muitos autores desta criminalidade residem lá”; “eles organizam-se entre eles nesses locais”	A10.1; A10.2.
11	“Deve-se estar sempre atento aos períodos mais sensíveis”; “é necessário formação” “porque a atuação e a postura dos militares para com a população deve ser adequada pois muitos problemas, como a coação a funcionário acontecem exatamente por situações que não foram bem controladas no início”	A11.2; A11.5.
12	“pouco apoio no patrulhamento”	A12.1.

E4		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Torna-se difícil referir que existe uma elevada taxa de criminalidade violenta e grave, isto porque num total de 1315 crimes registados, verificamos que cerca de 80 integram este tipo de criminalidade”; “a existência de Bairros Problemáticos; a proximidade com outros concelhos vizinhos (Sintra, Oeiras, Amadora, Lisboa); boas vias de acesso rodoviário (A5; A16)”	A1.1; A1.2.
2	“uma tendência de aglomeração de pessoas com dificuldades económico-sociais num mesmo local, que tendem a se deslocar para fora desses Bairros para efetuar vários delitos”	A2.1; A2.3.
3	“São crimes com pouco uso de armas brancas ou de fogo”	A3.4.
4	“É complicado responder a essa questão, porque os crimes em fase de inquérito e julgamento, não se encontra a nossa disposição”	A4.3.
5	“Usualmente costumam atuar em grupos de 3 / 4 elementos nos roubos efetuados”	A5.5.
6	“as principais vítimas são do sexo feminino e com idade superior a 40 anos”	A6.2; A6.5.
7	“No período da tarde”	A7.10
8	“No centro de Alcabideche, e na Amoreira”	A8.3
9	“Sim, os crimes violentos e graves na via pública ocorrem nos locais com maior número de pessoas, na rua. No autódromo, estádio, shopping, discoteca não temos informações de ocorrências”	9.3.
10	“É um problema devido a uma tendência de aglomeração de pessoas com dificuldades económico-sociais num mesmo local, sendo que os indivíduos que praticam estes ilícitos deslocam-se para fora dos Bairros para os executarem”	A10.1; A10.4.
11	“No patrulhamento diário efetuamos um policiamento de visibilidade nos Bairros, com viatura, e também são efetuadas patrulhas apeadas, constituídas por 3 militares, que transmitem um sentimento de segurança a restante população”	A11.1; A11.3.
12	“No patrulhamento diário não existem dificuldades, poderão existir dificuldades se houver necessidade de intervenção numa situação que envolva um elevado número de elementos”	12.5.
E5		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Os bairros sociais”	A1.1.
2	“Proximidade com as outras zonas da Grande Lisboa”	A2.3.
3	“vai desde os 15 aos 30 anos”	A3.1.
4	“Provêm desses 3 bairros (...) principalmente, assim como de outros bairros”	A4.1; A4.2
5	“em grupo contra pessoas isoladas”	A5.5.
6	“Vai desde os jovens em idade escolares , (...) principalmente as vítimas mais isoladas e vulneráveis”	A6.1; A6.4.
7	“nos estabelecimentos acontecem mais perto da hora de fecho e os restantes podem acontecer a qualquer altura”; “na escola é em período escolar”; “No Natal as pessoas movimentam mais bens e são mais propícias a serem vítimas”	A7.6; A7.7; A7.8; A7.9.
8	“Os locais e os estabelecimentos não têm um padrão”	A8.5.
9	“Na criminalidade violenta e grave não”	A9.1.
10	“por concentrarem pessoas de várias etnias no mesmo local”	A10.4.
11	“Visibilidade, essencialmente”	A11.1.
12	“O número de efetivos”	A12.1.

E6		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“as pessoas não têm emprego e os bairros sociais”	A1.1; A1.5.
2	“pequenos e grandes criminosos nos bairros sociais”	A2.1
3	“Jovens (até 25 anos), desempregados, não estudam nem têm perspectiva de futuro”	A3.1; A3.3.
4	“Maioritariamente dos bairros sociais”	A4.1.
5	“Em grupo, sempre. Carro, bicicleta ou até apeados. Faca, raras vezes de arma de fogo, em grupos diferentes já se notou que usavam a mesma arma”	A5.2; A5.3; A5.4; A5.5; A5.6.
6	“Mulheres, crianças”	A6.1; A6.5.
7	“Roubos é durante o dia” (por esticção e via pública)	A7.1.
8	“Nas imediações do centro comercial”	A8.1.
9	“Não, apenas uma discoteca e raramente atuam lá”	A9.1.
10	“os criminosos estão concentrados no local”; “é difícil fazer vigilâncias e seguimentos porque dentro do bairro organizam-se para que se dificulte a ação da GNR”	A10.1; A10.3.
11	“Policiamento preventivo, parar, fiscalizar, identificar os grupos suspeitos”	A11.6.
12	“Recolher informação dentro dos bairros”	A12.2.
E7		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Bairro sociais, desemprego e falta de interesse em estudar”	A1.1; A1.5.
2	“Acabaram os bairros de lata mas juntaram os grupos criminosos que haviam nesses bairros para estes bairros sociais que criaram e organizam-se entre eles. Também a proximidade com a zona da linha de Sintra”	A2.1; A2.3.
3	“Entre os 20 e os 30 anos”	A3.1.
4	“Dos bairros sociais, da linha de Sintra e alguns da Margem Sul”	A4.1; A4.2.
5	“Principalmente com faca mas também força física e armas de fogo. 4 ou 5 elementos”	A5.2; A5.3; A5.5.
6	“Idosos, crianças em tempo escolar”	A6.1; A6.2.
7	“Idosos durante a manhã, às escolas é à hora de almoço, durante o período letivo e noutros períodos sem características”	A7.1; A7.5; A7.6; A7.9.
8	“escolas, bancos, farmácias, shopping ou noutros sítios incharacterísticos”	A8.1; A8.2; A8.3; A8.5.
9	“Não, houve uma discoteca africana que trazia pessoas de outros locais (Amadora e margem sul) mas atualmente não”	A9.1.
10	“Sim, é um meio fechado em que se protegem uns aos outros”; “lá sentem-se seguros fazendo o que querem a partir de lá”	A10.1; A10.2.
11	“Prevenir através das buscas e fiscalizações para perceberem que existe autoridade”	A11.6.
12	“Falta de segurança quando vão a qualquer situação”	A12.4.
E8		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“condições precárias, falta de emprego”; “); homicídios em Alcabideche foram ajuste de contas maioritariamente”	A1.5; A1.6.
2	“a construção dos bairros sociais do concelho de Cascais”; “estão associados a criminalidade”	A2.1.
3	“jovens a partir dos 20 anos”	A3.1.
4	“dos bairros sociais (roubo por esticção), roubo a estabelecimentos comerciais vêm de fora”	A4.1; A4.2.
5	“Em grupo com força física maioritariamente e menos frequente com faca, menos frequentemente ainda com armas de fogo”	A5.2; A5.3; A5.4; A5.5.

6	“Jovens. Mas as ofensas graves caem mais nos idosos”	A6.1; A6.2.
7	“A qualquer hora, principalmente horário escolar e hora de almoço. Os outros é à hora de fecho dos estabelecimentos”	A7.5; A7.6; A7.7; A7.9.
8	“Locais de Alcabideche: zona da serra, a sul mais urbanizada em que as classes sociais são muito variadas e a zona norte com vivendas mais ricas e bairros sociais”	A8.5.
9	“É principalmente o shopping (...) Mas centra-se em furtos e não criminalidade violenta e grave”	A9.1.
10	“É uma concentração de muitas pessoas potencialmente criminosas”	A10.1.
11	“orientado para que as pessoas vejam a presença da GNR”	A11.1.
12	“Falta de recursos que é geral à Guarda. No sentido do serviço não há dificuldade em entrar nos bairros sociais”	A12.1; A12.5.
E9		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“É um local pequeno e isolado com apenas a N9 como principal acesso. Não há nada que chame pessoal de fora”; “zona essencialmente agrícola (quem está lá é apenas para trabalhar). Poucos jovens, quem está lá é maioritariamente meia idade e idosos”	B1.1; B1.2; B1.3; B1.4.
2	“são pessoas de meia idade para cima, com baixo rendimento económico”	B2.4; B2.5.
3	“São pessoas da zona, locais”	B3.1.
4	“roubos é conforme a oportunidade, o homicídio foi uma disputa de partilha de terreno”	B4.1.
5	“os idosos que confiam mais nas pessoas, por exemplo: uma pessoa pede informações, elas chegam-se mais perto e roubam o fio de ouro”	B5.1.
6	“Talvez de dia, que é quando as pessoas andam mais na rua”	B6.1.
7	“Onde as pessoas estão mais isoladas, provavelmente quando elas se deslocam duma localidade para outra a pé”	B7.1.
8	“Fazer patrulhamento visível”	B8.1.
9	“Pouco efetivo”	B9.1.
E10		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“zona predominantemente rural, com baixo índice populacional, onde todos os membros da comunidade se conhecem e estabelecem relações entre si, vincando fortemente o sentido de comunidade”	B1.4.
2	“não são residentes na zona, são delinquentes que ali se dirigem apenas com o propósito de os praticar”	B2.2.
3	“das cidades mais próximas, Torres Vedras e Lisboa, ou da sua periferia”	B3.2; B3.3.
4	“em viaturas particulares, usualmente furtadas”	B4.3.
5	“de meia idade ou idosos”	B5.1.
6	“Derivado à reduzida incidência (..) não é possível estabelecer um padrão”	B6.2.
7	“são os adjacentes às principais vias rodoviárias”	B7.2.
8	“Desenvolver um policiamento de proximidade que permita colher notícias”; “efetuar com regularidade fiscalizações rodoviárias nas principais vias”	B8.2; B8.3.
9	“rapidez com que os autores deste tipo de crimes se colocam em fuga”; “reduzida capacidade das vítimas para os descrever pormenorizadamente e os veículos automóveis por estes utilizados”	B9.2; B9.3.
E11		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“é iminentemente rural e associado a isto há uma grande dispersão de lugares”	B1.1; B1.4.
2	“é essencialmente jovem, até aos 30 anos”	B2.6.

3	“da área suburbana de Lisboa”; “Também havia alguns grupos que vinham da zona das Caldas da Rainha/Peniche”	B3.2; B3.3.
4	“deslocavam-se de carro”	B4.3; B4.4.
5	“Principalmente pessoas idosas, que andam com mais artefactos de ouro”	B5.1.
6	“Difícil de encontrar um padrão”; “mas no inverno há menos atividade. Podíamos registar mais deste tipo de criminalidade mais para a parte de manhã e perto do almoço”	B6.1; B6.2; B6.3.
7	“Essencialmente o eixo ao longo da N9 até à localidade de Merceana”; “Os correios eram alvos devido a poupanças reforma mas agora os correios deixaram de existir passando a haver parecerias com as juntas de freguesia”	B7.2; B7.3.
8	“o reforço de patrulhamento de proximidade porque é uma população envelhecida com hábitos de vida rurais e tinha que haver um esforço de fazer adaptar as pessoas à nova realidade da criminalidade grave e violenta” “Referenciação de pessoas de fora a seguir a um roubo ou situação de furto a residência para darem informação à GNR”	B8.1; B8.2.
9	“É o efetivo reduzido”; “O problema da rede SIRESP já foi reportado várias vezes”	B9.1; B9.4.
E12		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Prevenção com o policiamento de proximidade, colaboração com as juntas de freguesias e baixa densidade populacional”	B1.4; B1.5.
2 e 3	“Pessoas de etnia cigana e imigrantes de leste que vêm da zona de Torres”(poucas vezes violenta) “Em grupo”	B2.1; B2.3. B3.3.
4	“A coação normalmente surge de pessoas embriagadas”	B4.2.
5	“Idosos”	B5.1.
6	“Não há incidência específica”	B6.2.
7	“São as localidades mais isoladas”	B7.1.
8	“Patrulhamento visível”	B8.1.
9	“O Punto encontra-se a ser reparado e o jipe é basicamente o único meio”; “Mas a grande dificuldade é a falta de sinal rádio”	B9.1; B9.4.
E13		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“A ruralidade do meio, normalmente os crimes que ali há são pessoas de passagem ou jovens delinquentes que lá residem”	B1.4.
2	“A mais violenta é entre familiares, dos roubos normalmente são pessoas de fora que se aproveitam da fragilidade das pessoas”	B2.1; B2.2; B2.4.
3	“São da zona de Lisboa, negros ou de etnia cigana”	B3.2.
4	“Abordam de carro as pessoas e roubam fios de ouro ou outros objetos que tenham consigo. Quando acontece são dois homens que abordam”	B4.1; B4.3; B4.4.
5	“sempre acima dos 60 anos”	B5.1.
6	“Não há nenhum período relevante”	B6.2.
7	“Junto às estradas nacionais e junto das vias principais das localidades”	B7.2.
8	“faz-se um patrulhamento preventivo dentro do possível”	B8.1.
9	“é pouca informação que temos, como as pessoas têm idade avançada não nos conseguem dar muita informação”	B9.2.
E14		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“é tipicamente rural, não tem muita densidade populacional”	B1.4.
2	“Por norma são pessoas que vêm de fora, a maior parte das queixas é contra desconhecidos, e é feito por algum oportunista”	B2.2.
3	“Por norma vem das grandes áreas populacionais, como o Carregado, Vila Franca de Xira, Povos e Sobralinho”	B3.3.

4	“Nunca andam sozinhos, tem sempre cobertura de retaguarda”	B4.4.
5	“As pessoas mais indefesas, neste caso os idosos”	B5.1.
6	“Não é possível dizer”	B6.2.
7	“Nas povoações limítrofes, que estão mais isoladas”	B7.1.
8	“Policiamento de proximidade e visibilidade”	B8.1.
9	“Neste momento é a falta de efetivo e de materiais (viaturas), mas isto é geral, porque estamos mesmo a trabalhar com os mínimos”	B9.1.
E15		
Q.	Ideias-chave	S. Id.
1	“Zona rural, o patrulhamento de proximidade previne, e pontos de fuga lentos, sensivelmente 10 a 15 Km da AE mais próxima e não existe muita riqueza que potencie os roubos”	B1.1; B1.2; B1.4; B1.5.
2 e 3	“Pessoas de fora, de etnia cigana e africana, da zona de Lisboa e de Torres, de Alenquer e do Carregado não”	B2.1; B3.2; B3.3.
4	“Acontece mais é o roubo por esticção”	B4.1.
5	“às mulheres idosas”	B5.1.
6	“Não há espaço temporal específico”	B6.2.
7	“Nas aldeias mais isoladas e nos extremos das áreas dos Postos, mais longe possível do Posto”	B7.1.
8	“Patrulhamento preventivo”	B8.1.
9	“Pouco efetivo, apenas duas viaturas sendo que uma está inoperacional e a outra está em risco e não há rede rádio”	B9.1; B9.4.

Fonte: elaboração própria

ANEXOS

Anexo A – Criminalidade violenta e grave em 2015

Crimes violentos e graves	Ano 2014	Ano 2015	Crimes violentos e graves	Ano 2014	Ano 2015
Homicídio voluntário consumado	103	102	Roubo em estabelecimento de ensino	42	39
Ofensa à integridade física voluntária grave	542	469	Roubo em transportes públicos	614	626
Rapto, sequestro e tomada de reféns	376	369	Roubo na via pública excepto por esticção	7.097	7.037
Violação	374	375	Roubo por esticção	5.613	5.704
Roubo a banco ou outro estabelecimento de crédito	71	64	Outros roubos	353	359
Roubo a farmácias	56	94	Extorsão	215	313
Roubo a ourivesarias	46	29	Pirataria aérea outros crimes contra a segurança da aviação civil	47	22
Roubo a posto de abastecimento de combustível	159	123	Motim, instigação e apologia pública do crime	7	6
Roubo a residência	732	676	Associação criminosa	13	10
Roubo a tesouraria ou estação de correios	20	24	Resistência e coacção sobre funcionário	1.815	1.818
Roubo a transportes de valores	17	18	Organizações terroristas e terrorismo nacional	*	5
Roubo de viatura	166	158	Outras organizações terroristas e terrorismo internacional	*	3
Roubo em edifícios comerciais ou industriais	608	521			

* Os valores inferiores a 3 são ocultados respeitando o princípio do segredo estatístico

Figura n.º 6 – Valores registados para os crimes violentos e graves de 2015

Fonte: (Sistema de Segurança Interna, 2015)

Anexo B – Tipologia de Áreas Urbanas

“Espaço Urbano (conceito 7251)

Subsecção estatística que contempla um dos seguintes requisitos: 1) tipificada como "solo urbano", de acordo com os critérios de planeamento dos Planos Municipais de Ordenamento do Território; 2) integra uma secção com densidade populacional superior a 500 habitantes por Km²; 3) integra um lugar com população residente igual ou superior a 5.000 habitantes.” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

“Espaço Semiurbano (conceito 7250)

Subsecção estatística tipificada como "solo não urbano", de acordo com os critérios de planeamento dos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que não foi incluída previamente na categoria de espaço urbano, e contempla, pelo menos um dos seguintes requisitos: 1) integra uma secção com densidade populacional superior a 100 habitantes por Km² e inferior ou igual a 500 habitantes por Km²; 2) integra um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes e inferior a 5.000 habitantes.” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

“Espaço de Ocupação Predominantemente Rural (conceito 7249)

Subsecção estatística tipificada como "solo não urbano", de acordo com os critérios de planeamento assumidos nos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que contempla o conjunto dos seguintes requisitos: 1) não foi incluída previamente na categoria de espaço urbano ou semiurbano; 2) tem densidade populacional igual ou inferior a 100 habitantes por Km²; 3) não integra um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes.” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

“Área predominantemente urbana (APU) (conceito 1070)

Freguesia que contempla, pelo menos, um dos seguintes requisitos: 1) o maior valor da média entre o peso da população residente na população total da freguesia e o peso da área na área total da freguesia corresponde a espaço urbano, sendo que o peso da área em espaço de ocupação predominantemente rural não ultrapassa 50% da área total da freguesia; 2) a freguesia integra a sede da Câmara Municipal e tem uma população residente superior a 5.000 habitantes; 3) a freguesia integra total ou parcialmente um lugar com população residente igual ou superior a 5.000 habitantes, sendo que o peso da

população do lugar no total da população residente na freguesia ou no total da população residente no lugar, é igual ou superior a 50%.” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

“Área mediamente urbana (AMU) (conceito 1089)

Freguesia que contempla, pelo menos, um dos seguintes requisitos: 1) o maior valor da média entre o peso da população residente na população total da freguesia e o peso da área na área total da freguesia corresponde a Espaço Urbano, sendo que o peso da área de espaço de ocupação predominantemente rural ultrapassa 50% da área total da freguesia; 2) o maior valor da média entre o peso da população residente na população total da freguesia e o peso da área na área total da freguesia corresponde a espaço urbano em conjunto com espaço semiurbano, sendo que o peso da área de espaço de ocupação predominantemente rural não ultrapassa 50% da área total da freguesia; 3) a freguesia integra a sede da Câmara Municipal e tem uma população residente igual ou inferior a 5.000 habitantes; 4) a freguesia integra total ou parcialmente um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes e inferior a 5.000 habitantes, sendo que o peso da população do lugar no total da população residente na freguesia ou no total da população residente no lugar, é igual ou superior a 50%.” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

“Área predominantemente rural (APR) (conceito 1084)

Freguesia não classificada como "Área Predominantemente Urbana" nem "Área Mediamente Urbana".” (Instituto Nacional de Estatística, 2014)

Anexo C – Número de crimes violentos e graves em Alcabideche e Merceana entre 2010 e 2015

Quadro nº 32 - Número de crimes violentos e graves em Alcabideche e Merceana entre 2010 e 2015

Ano		2015		2014		2013		2012		2011		2010	
Entidade Notadora (Nível 4)		PT Merceana	PT Alcabideche	PT Merceana	PT Alcabideche	PT Merceana	PT Alcabideche	PT Merceana	PT Alcabideche	PT Merceana	PT Alcabi deche	PT Merceana	PT Alcabideche
NUT I	Tipo de Crime (Nível 3)	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes	Nº Crimes
Continente	Homicídio voluntário consumado	.	1	.	1	1	.	.	1	.	3	.	1
	Of. int. física vol. grave	.	.	.	1	.	1	.	.	.	2	.	.
	Rapto/ sequestro/ tom. reféns	.	2	.	1	.	1	1	1	.	1	.	2
	Violação	.	5	.	.	.	1	.	.	.	2	.	2
	Roubo por esticção	1	20	1	33	.	21	.	32	2	28	3	15
	Roubo v. públ. (s/ esticção)	.	21	.	7	.	30	.	31	.	38	1	37
	Roubo a residência	.	1	.	1	1	7	2	2	.	5	.	.
	Roubo de viatura	.	4	.	1	.	.	1
	Roubo banco/estab. crédito	2
	Roubo tesouraria/est. correios	1	.	.
	Roubo edifícios comerc/indust.	.	1	2	1	.	4	.	10	.	20	.	12
	Roubo a farmácias	.	1	.	2	.	2	.	.	.	1	.	1
	Roubo a ourivesarias	1	.	.	.	2
	Roubo posto abast. combustível	.	1	.	1	.	3	.	1	.	4	.	3
	Roubo transp. públicos	.	2	1	.	3	.	2
Roubo transp. valores	1	.	.	
Outros roubos	1	7	.	5	
Extorsão	.	1	.	.	.	2	.	1	.	1	.	.	
Resis. coacção s/ funcionário	4	18	4	11	1	19	1	7	3	12	2	19	

Fonte: Base de dados da DGPIJ